

REVISTA DO ENSINO

(ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO)

SUMARIO

DA REDAÇÃO:		Pag.		Pag.
As "Horas Vagas"		1	Dois anos em uma escola rural — Isidoro Bolz Chalier	23
COLABORAÇÃO:			O Curso de Aperfeiçoamento para Religiosas — Guerino Casasanta	29
Os problemas — Mario Casasanta		3	DAQUI E DALI:	
Exposição permanente — Firmino Costa		7	Cantos escolares — Levindo Lambert	38
A tipologia escolar e a pedagogia — Fernando Magalhães Gomes		10	NOTICIARIO:	
NOTAS E COMENTARIOS:			O cinema educativo — Me-deiros e Albuquerque . .	48
A importância do cinema na educação. Regras de higiene na sua aplicação — J		18	Movimento educacional nos Estados — O ensino primario em Pernambuco — Comunicado	49
Uns testes de higiene e as lições que nos sugerem . .		20	O ensino primario no Pará — Comunicado	53

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

AS "HORAS VAGAS"

Nos Estados-Unidos, diz o sr. Omer Buiyes, ha leis draconianas para impedir que os guardas dos hotéis leiam durante suas horas de trabalho. O habito da leitura é tão arraigado nos costumes da-quele povo que até os miseraveis, passando as noites nos jardins publicos, encontram meio de lêr. Quando, de manhã, saem dos jardins, deixam o chão atapetado de pedaços de jornais que leram durante a noite.

Em nenhuma parte da Europa, diz aquele eminente professor, as bibliotécas são tão numerosas como nos Estados-Unidos, nem melhor organizadas, nem tão bem frequentadas.

E' que, desde os bancos escolares, os mestres procuram infundir nos alunos o gosto pela leitura, habilitando-os a extrair dela todo o imenso beneficio que póde produzir. A leitura sem um objéctivo, o lêr por lêr, quasi nenhum valor tem. O seu valor se mede pela melhoria de conduta que provoca no individuo, colocando-o no meio dessa incomensuravel corrente de idéas e pensamentos que constituem, enfim, a civilização e a vida.

Para que possamos fazer obra de educação é necessario que as nossas escolas iniciem, imediatamente, uma vasta propaganda da leitura, incenti-



vando a criação de bibliotecas e melhorando as já existentes. E, acima de tudo, cumpre reformar os métodos de leitura, fazendo-a acessível e útil às crianças, atendendo à sua parte espiritual e profundamente educativa, tão pouco utilizada entre nós.

Vêm daí, pelo menos, dois resultados de inestimável alcance social: o habito, de lêr, e lêr bem que, em verdade, é uma virtude; e resolver o grave problema que já um professor denominou de "O perigo das horas vagas".

As nossas crianças, em vista do limitado tempo destinado ao curso primario, nem sempre saem da escola sabendo lêr corretamente. O ensino rural, em razão da premencia economica, consta de três anos apenas de estudo, sendo quasi certo que nem todos os alunos preenchem esse tempo. Sucede que, pelos tempos afóra, esquecem o pouco que aprenderam, de quasi nada lhes servindo a leitura.

Se as escolas conseguirem infundir em seus alunos o amor pela leitura, terão, pelo menos em parte, debelado o "perigo das horas vagas"—origem de numerosos crimes e de inevitaveis desmandos. A escola procura melhorar o individuo, de maneira que sua vida seja mais bela e mais feliz. A leitura, por si só, além de ser uma inigualavel fonte de conhecimentos, é capaz de embelecer e elevar os homens.

"Os livros — diz Smiles — possuem uma essencia de immortalidade. São os produtos mais duradouros dos esforços humanos. Os templos caem em ruinas; as pinturas e as estatuas estragam-se; mas os livros resistem ao tempo. O tempo não tem poder sobre os grandes pensamentos".

Na escola não se deve ter em vista, apenas, a parte mecanica da leitura: é indispensavel ir até a sua essencia e compreender, enfim, o seu papel nas sociedades humanas e a influencia que pôde exercer na formação dos individuos.

Preenchamos, pois, as horas vagas do futuro, fazendo com que as crianças do presente lêiam. Do habito da boa leitura depende a felicidade de muitos lares, a supressão de muitos vicios, o florescimento de muitas virtudes.

COLABORAÇÃO

Os problemas

Há um ponto em que todos os teóricos se acham de acôrdo e é o que se refere à elaboração dos problemas: todos concordam que devem não só relacionar-se com os interesses e motivos proprios da infancia, mas quanto possivel emergir da realidade, que os alunos realmente estão vivendo.

Entretanto, ao passo que os mestres fixaram essa opinião, em tratados que são havidos até por antigos pelo que respeita aos demais aspétos da aritmética, os nossos manuais continuam a fazer problemas á antiga, sem nenhuma atenção ao conjunto de condições que se têm estabelecido para a formulação de um bom problema.

Condições de um bom problema

Há, efetivamente, um conjunto de condições que ordinariamente os autores exigem para considerar um problema como bom.

Entre elas releva assinalar:

- a) o problema deve inspirar-se de uma idéa atraente;
- b) o problema deve oferecer alguma utilidade;
- c) o problema deve reproduzir uma situação verossímil e que se verifique comumente na realidade;
- d) o problema deve ser enunciado claramente;
- e) o problema não deve ser mais difícil do que comumente se apresenta na realidade;
- f) o problema deve conter, mais ou menos, aquele grau de interesse que os problemas reais contêm para os alunos;
- g) o problema deve ser formulado com bom senso.

Os problemas livrescos

Mais condições seria possível reunir, porque cada autor traz uma nota particular. Em linhas gerais, porém, o problema que obedecer a alguma dessas condições, pôde ser considerado um bom problema.

Os manuais contêm problemas horrorosos e, quando Groscurin reclama bom senso para os problemas, somos obrigados a dar-lhe razão, tal o absurdo das situações, o artifício dos números e o desprezo da vida real.

Entre êles, todavia, ha muita sugestão que pôde ser aproveitada, desde que o professor não se escravize ao texto do livro, mas tome esse texto e o adapte ás condições de sua classe.

Disciplina mental

Muito se tem debatido se haverá utilidade em elaborar problemas, fóra daqueles que as próprias

atividades sugerem ás crianças, para que, por meio delas, as crianças se possam exercitar mais vigorosamente.

Uma atividade oferece bastante oportunidade, mas não tantas quantas sejam por vezes necessárias, para a aquisição de dada habilidade.

Assim, ao planejarem um pique-nique, os alunos podem fazer dado numero de operações como quando estabelecem o orçamento das despesas e das contribuições, mas quasi sempre esse numero de operações não é suficiente, para que os alunos a adquiram bem.

Faz-se mistér uma série de exercícios suplementares, através dos quais os alunos repitam as operações e lhes aprendam bem o mecanismo.

Esses exercícios, por não emergirem das próprias atividades dos alunos, têm sido censurados, com a alegação de que nada valem: os alunos só podem aprender, agindo, e já não se pôde crêr na capacidade que se atribue aos problemas de contribuir para a disciplina mental.

Thorndike, psicologo da educação e mestre do ensino de aritmética, não se alista no numero dos que recusam aos problemas a capacidade de disciplinarem mentalmente os alunos.

Para êle, a resolução de problemas é uma das melhores provas de intelligencia que os psicologos estabeleceram e constitue um bom exercicio, para a intelligencia, *ainda que os seus dados sejam extranhos ou contrarios á realidade.*

Os problemas ideais

O proprio Thorndike, mais adiante, se incumbem da errata, porque assevera que os novos métodos estabelecem um padrão mais elevado de problemas e deixam entrevêr que os melhores são aqueles que, ao mesmo tempo que põem em jogo os poderes inte-

lectuais, preparam os alunos mais completamente e mais diretamente para resolverem os problemas da vida.

Com esse fim, devem-se dar aos alunos todas as ocasiões que fôr possível dar para que exercitem atividades uteis e resolvam os problemas que elas oferecem. Em muitas de suas atividades, as crianças têm frequentes contactos com os numeros. E' verificar os jogos, que tanto absorvem as crianças, e notar que o numero é frequentemente invocado, quer no desdobraamento do jogo, quer na marcação dos pontos; é verificar com o brinquedo de venda, de correio, ou como os planos de projetos, a contagem do dinheiro ou os trabalhos manuais exigem o emprego de operações aritméticas, para se concluir de pronto que não faltam oportunidades para o manejo natural da aritmética e em situação natural.

E' necessario que os alunos percebam, desde logo, o que nem sempre os adultos têm percebido, e vem a ser que a aritmética não é um mero exercício de escola, mas um indispensavel instrumento para a vida.

Mostrar-lhes de fôrma evidente que os processos aritméticos se devem aplicar no desdobramento das atividades humanas, tornando-se, assim, tarefa essencial.

Nada mais frequente do que os alunos sabem bem o mecanismo de uma operação e não sabem como e quando devem applicá-las nos seus proprios negócios.

E' por isso muito aconselhavel o exercício de mostrar aos alunos uma série de problemas e de pedir-lhes não a solução, mas a simples designação das operações a fazer:

Este problema requer uma adição, aquele uma divisão, aquele outro uma multiplicação de decimais.

As crianças formulam os problemas

Outra prática recomendável é pedir aos alunos que formulem os problemas.

Tem excelentes vantagens: é exercício de linguagem, é exercício de julgamento, é exercício de aritmética.

Para comprová-lo, basta considerar os primeiros problemas das crianças: falta-lhes bom senso e contém enormidades.

E' justo registrar que essa medida, que tem o abono dos bons tratadistas, vem sendo applicada, há varios anos, no "Grupo Afonso Pena," desta Capital.

(Mario Casasanta)

Exposição permanente

(Ao professor Guerino Casasanta)

Vai-se completando a escola, á medida que a civilização avança, exigindo do ensino novas aquisições. Por isso mesmo desdobra-se cada vez mais a vida escolar, cujas atividades ultrapassam o ambito da sala de aula. E não ha que esperar, pois de outra fôrma a escola ficará distanciada da marcha do progresso, que a ciencia vai guiando triunfantemente, como nunca se viu nas epocas transactas.

Já se introduziram nos varios institutos as excursões escolares, que põem os alunos em contacto com a vida social e com as realidades da natureza, afastando o artificialismo de que ainda se ressentem o trabalho didatico. Sem duvida que as excursões, em geral, estão longe de obedecer á necessaria regularidade, nem se realizam de modo eficiente, como resultante do proprio ensino, animadas pelo interesse

da classe e despertadoras de novos estudos. Aham-se no início, o que já representa um grande passo do ensino, mas fazem prever o muito que se pôde esperar delas.

A bibliotéca, o museu e o laboratorio são outros auxiliares preciosos que vieram colaborar com a escola. Nem hoje se compreende esta sem a observação do maior numero possível de exemplares proprios para ilustrar as lições, e sem a experimentação que os instrumentos e aparelhos facultam para comprobar os fátos. E mais do que tudo, a leitura metódica e inteligente impõe-se á escola como meio imprescindível de alargar os conhecimentos.

Ao passo que a excursão, a bibliotéca, o laboratorio e o museu mais ou menos já acompanham o ensino, prestando-lhe cooperação diaria, outro meio não memos valioso só anualmente aparece, trazendo carater mais festivo do que educacional. Refiro-me á exposição dos trabalhos dos alunos. Ao encerrar o ano letivo, bem se sabe, afluem as exposições escolares, cuja duração transitoria deixa impressões que logo se desvanecem. Surgem elas com as ferias, quando o espirito dos alunos está alvoroçado e o animo dos docentes ansia pelo descanso.

Seria mais acertado fazer a exposição acompanhar o trabalho da escola, tornando-a permanente. Desta arte, no decorrer do ano letivo, os alunos poderiam observar e conhecer melhor seus proprios trabalhos e os de seus colegas, o que certamente lhes reavivaria o interesse e o esforço para as atividades escolares.

A exposição permanente servirá de estímulo aos professores, que assim podem vêr os frutos de seu ensino conhecidos e apreciados diariamente pelo publico. Sem a natural precipitação exigida pelas exposições anuais, terão os professores o necessario

tempo e serenidade para organizá-la de colaboração com os alunos, se elas se tornarem permanentes.

Deste modo também as familias terão mais oportunidade de observar os trabalhos escolares, sendo-lhes facil ir varias vezes visitar a exposição então para consolidar as relações entre a escola e a familia, problema este de suma relevancia educativa.

Como iniciar a execução de tal idéa neste grande centro de educação que é a nossa Capital? Nos grupos escolares não será difficil manter exposições sem maior dispendio para instalá-las. Ir-se-ão revezando mensalmente os trabalhos expostos, premiando-se no fim do mês determinado numero deles. Em que consistirão os premios, eis o assunto a tratar.

A Escola Normal tem um magnifico vestibulo, que está pedindo occupação. Não ha melhor recinto do que esse para uma exposição permanente de trabalhos escolares. No centro da cidade, dispondo de facil acceso, possuindo mais de mil alunas, a Escola Normal valorizará a idéa ora sugerida e será por ela valorizada.

Devidamente guarnecido de mobiliario apropriado, o belo portico de nosso instituto pedagogico poderá conter a exposição dos melhores trabalhos executados pelas alunas e pelos alunos. Aos hospedes illustres da Capital oferecer-se-ia sempre, de tal forma, occasião propicia para ajuizar do trabalho educativo que aqui se realiza, ou seja de ordem publica, ou seja de ordem particular.

Consistiriam os premios referidos em fazer figurar na exposição instalada no vestibulo da Escola Normal os trabalhos que os merecessem, a juizo de uma comissão para esse fim designada. As exposições a par de cada escola dariam sem duvida novo impulso ao movimento educativo, e os premios conferidos fariam sobressair os melhores trabalhos, incentivando a elevação do ensino.

E' esta uma idéa amadurecida em meu espirito, que só agora apresento por estar compenetrado de sua efficacia. As exposições anuais acumulam trabalhos de um ano, e essa aglomeração não nos deixa apreciar a qualidade deles, sinão somente a quantidade. Ora, mais vale trabalhar bem do que trabalhar muito, e o julgamento do valor qualitativo traz certo compromisso de aprimorar o trabalho.

Quero crer que a exposição permanente de trabalhos escolares, revezando-os segundo já se disse, é uma nova idéa que se ajusta á escola ativa, cuja propria essencia a faz continuamente ativa e não apenas anualmente. Por si só, a exposição permanente equivalerá a um curso intuitivo de lições de cousas, para professores e para alunos, aqueles melhor pensando para ensinar e estes melhor observando para aprender.

Se uma idéa tende sempre a realizar-se, conforme pensa certo escritor, nenhuma mais do que essa afigura-se-me digna de realização para o bem da escola ativa, hoje felizmente triunfante.

Firmino Costa.

A tipologia escolar e a pedagogia

*Por Dr. Fernando Magalhães
Gomes, assistente da Faculdade de
Medicina, de Belo-Horizonte, me-
dico do Hospital S. Vicente.*

Ao pedagogo muito deve interessar o estudo dos tipos constitucionais na infancia, de tal modo se correlacionam o aspecto morfologico e o temperamento.

Já de há muito entrevista esta correlação entre os dois paineis do biotipo. "O diabo popular, diz

Kretschmer, (*) é quasi sempre magro e traz no queixo pontudo, uma barbicha de bóde. Os diabos gordos têm sempre um ar tólo de bonomia aparlemada. O intrigante é corcunda. Os santos são esbeltos, descarnados, transparentes, palidos e góticos. . ."

Mas só depois dos notaveis estudos de Kretschmer é que as observações intuitivas e imprecisas de psicologia popular adquiriram fóros de positividade científica, estabelecendo a seguinte conexão somatica e psíquica dos biotipos: os individuos de fôrma picnica apresentam tendencias para o temperamento ciclotimico, enquanto os leptosomicos, displasicos e atleticos, tendencias para o temperamento esquizotimico. E si da determinação do aspecto morfologico é possível concluir as tendencias, das atividades psíquicas sub-concientes, a formação da intelligencia e do carater — as atividades psíquicas concientes — tem no temperamento "o seu elemento biologico fundamental".

Fôrma, temperamento, intelligencia e carater se entrelaçam intimamente num determinado biotipo. E é na infancia, em que se potencializam as tendencias psíquicas, que se deve estudar esta conexão psico-física, pois entre as crianças não se fez sentir ainda o polimento da experiencia e da educação que são elementos plasmadores da personalidade. A formação psíquica depende da boa ou má orientação que se dê a essas tendencias, cujo conhecimento se poderá ter pela determinação do biotipo.

Aos educadores, portanto, se entreabre um campo amplo e interessante de investigações — a tipologia escolar — pelo manancial de ensinamentos e orientação educacional.

Preliminarmente, cumpre conhecer as variações morfologicas da constituição infantil nos diver-

(*) Kretschmer — La structure du corps et le caractère (Edition Payot).

sos estadios evolutivos. Segundo os estudos de Kretschmer, — Krassusky e Vaz de Mello (Rio) e em Belo-Horizonte, nossas observações (Dr. Tavares Bastos e eu) entre as crianças escolares há uma predominância dos picnicos nos 4 primeiros anos, aparecendo aos 5 anos os leptosomicos que se tornam mais frequentes á medida que se aproximam da puberdade. E — digno de registro pelas suas applicações á Pedagogia — é que as mutações morfológicas correm parêllhas com as do temperamento, condicionadas ambas, segundo os trabalhos de Castaldi, Concetti e Vanucci, ao ritmo funcional sinérgico ou antagonico das glandulas de secreção interna. Picnico-ciclotimico, na primeira infancia, leptosomico-esquizotimico, na puberdade.

Que é o tipo leptosomico? E' todo aquele com predominância dos diâmetros — longitudinais. De rosto fino, alongado ou ovoide, cabeça pequena, arredondada, o seu perfil lembra um angulo agudo, cujo vertice seria formado pela ponta do nariz, longo e pontegudo. No desdobraimento de sua silhueta delgada e alongada, o pescoço, o tronco (cilindrico) os membros nos apparecem estreitados e longos, num paralelismo entre o desenvolvimento dos ossos finos, graceis e salientes e o tecido muscular, adiposo e pele.

Numa antítese perfeita aos leptosomicos, nós temos o *tipo picnico*, cujas linhas dominantes são transversais. Face mais ou menos arredondada, de tecido adiposo excedente, e nariz "carnudo", cabeça larga e baixa, pescoço curto e grosso, torax em tonel e abdomem amplos, membros relativamente curtos — eis os característicos morfológicos principaes do picnico.

Fixados os caracteres morfológicos diferenciaes dos tipos picnicos e leptosomicos, vejamos quais as suas *tendencias psicologicas*. Antes, porém, con-

vem frizar que os tipos puros — picnico e leptosomico — não se apresentam sempre nos detalhes acima descritos, e entre uns e outros se intercala uma gama de tipos *intermediarios, impuros, híbridos*, nos quais uma inspecção rigorosa, completada pelas medidas antropométricas, poderá apontar as particularidades morfológicas de um dos tipos antitéticos:

Os picnicos — repetimos — apresentam tendencias para o temperamento *ciclotimico*: os leptosomicos para o temperamento *esquizotimico*.

Ociosa a descrição morfológica dos *displasicos* e do tipo *atletico*, não encontradicos em crianças normais. Os primeiros chocam a inspecção pela bizarria das fórmas, constituindo um grupo bem estudado na patologia constitucional, sobretudo no capitulo das endocrinopatias.

Em rapida síntese vejamos os caracteres psicologicos dos dois temperamentos.

Quatro faces do temperamento temos que estudar:

1.º) Tonalidade psiquica (humor e sensibilidade); 2.º) ritmo psiquico; 3.º) reacção psicomotora; 4.º) attitude social.

No que diz respeito á tonalidade psiquica os picnicos oscilam entre a alegria (dominante no *hipomaniaco*) e a tristeza (dominante nos *depressivos*), ao passo que os esquizotimicos entre a sensibilidade (dominante nos *hiperesteticos*) e insensibilidade (dominante nos *anesteticos*). Os pólos dos dois temperamentos se combinam ou alternam de mil maneiras, denominando-se a 1.ª "proporção diatésica", e a 2.ª, "proporção psiquestésica".

Quanto ao ritmo psiquico e reacção psicomotora, isto é, o modo pelo qual o individuo apreende, elabora e exterioriza pela mimica os fatos psiquicos, o ciclotimico se caracteriza pela mobilidade (no individuo de tonalidade alegre) e lentidão (no indivi-

duo de tonalidade triste) e regularidade dos atos psíquicos, numa adequação perfeita da reação psicomotora (mímica) á alegria ou tristeza. Nos esquizotímicos o ritmo oscila entre a rapidez e a indolencia dos atos psíquicos que despertam reações psicomotoras desproporcionadas e inadequadas ás emoções. Ora hipersensíveis ora insensíveis ás representações psíquicas em alternativas bruscas e imprevisíveis. Oscilante, ondulatoria, a curva do temperamento ciclotímico; zigzagueante, em verdadeiros saltos, atípica, a curva do esquizotímico. *A criança ciclotímica chora com facilidade, numa instabilidade emotiva; grita com violência; é muito prosa, inquieta, distraída, turbulenta, jovial, travessa. A criança esquizotímica é reservada, tímida, pouco falante, com estereotípia de seus gestos e modos.* Os ciclotímicos devem ser os meninos que se saem bem das situações difíceis, com a resposta sempre pronta; os esquizotímicos, ao contrario, por impotencia afetiva ou timidez, se atrapalham facilmente ás emoções.

O que mais deve interessar ao educador é o modo todo proprio de um desses grupos psíquicos antitéticos se comportar no meio social em que vive; no caso presente, a escola.

Assim a *sociabilidade* é um dos principais característicos dos ciclotímicos. Estas crianças, geralmente de bom humor, são comunicativas, falantes, ás vezes inquietas, mas adaptando-se perfeitamente ao meio escolar. Já os esquizotímicos são crianças mais ou menos *desambientadas*. Ora muito tímidas, reservadas, desconfiadas; ora irritáveis, voluntariosas, egoístas, caprichosas, quasi sempre originaes, reagindo contra a escola, que hostiliza pela rebeldia á disciplina. Estes ultimos são o terror das professoras, desobedientes, de pouco humor, mas de grande vivacidade, entre alternativas de exagerada sensibilidade e completa indiferença ás apreensões.

Entre os esquizotímicos é que se deve encontrar a maioria dos vadios e delinquentes escolares. Isolados dos seus companheiros ou então procurando um pequeno circulo de amigos que éles encaminham para suas traquinadas e vadiagem. *Autismo* — foi a expressão criada para definir este conjunto de qualidades psicologicas associas.

Muitos dos caracteres esquizoides se desenvolvem na puberdade, fase da vida humana que, como é sabido, merece toda atenção do educador pelo aparecimento dessas esquisitices do temperamento. Há numerosos sub-tipos esquizotímicos diferenciados pelas combinações hereditarias das proporções psíquicas e pelas condições do *meio* e da *educação*. Assim uma criança "autística" convivendo com uma de temperamento ciclotímico, tende a perder ou moderar as suas qualidades esquizotímicas.

A convivencia das crianças deve ser uma das preoccupações dos educadores.

Sintónicos, são os individuos tendentes á normalidade de suas funções psíquicas.

O controle das emoções, a estabilidade nervosa, a intelligencia elevada caracterizam este grupo intermediario, medio-normal. A herança, o meio e a educação exercem uma atuação poderosa na formação de temperamento.

E' no grupo dos esquizotímicos que, segundo Kretschmer, se formam com mais frequencia os complexos, forças psíquicas de grande influencia na formação ideativa e afetiva dos individuos, "restringindo o campo de visão psíquica e a intensidade da visão mental para todas as idéas correlativas." Nessas crianças, a ação educativa deve-se cercar de todos os cuidados, de modo a não despertar complexos que, durante toda a vida, se enquistam no seu psiquismo, orientando, tiranizando a sua atividade psíquica.

Com os meninos-leptosomicos esquizotímicos, o educador terá muita diplomacia, certa finura de tratamento na sua educação, vendo nos seus defeitos uma modalidade constitucional de temperamento que de algum modo pôde ser modificado pelos diferentes meios educacionais que adaptará ao caso concreto. Há, é verdade, esquizotímicos anestésicos, cujos sentimentos sociais sofrem eclipse, na fase peri-pubertaria, tornando-se inacessíveis às influências educativas e do meio, num "estado de verdadeira imbecilidade moral", talvez por intercorrença subita de uma modificação tempestuosa de sua constelação endócrina. Essas observações levam os homens a julgar com mais humanidade os criminosos recidivantes e vêr na educação o seu devido valor.

Conhecidos os pólos negativos e positivos do temperamento, ao educador compete inibir, moderar, recalcar aqueles e a estes reforçar ou estimular. Assim, entre os ciclotímicos hipomaniacos deve atuar contra a tendência... a superficialidade, a falta de tacto na convivência humana, a instabilidade e a confiança exagerada em suas forças. Nos ciclotímicos depressivos, agirá no sentido de anular a sua timidez, mixto de insuficiência e inferioridade, geradora dos escrúpulos morbidos, despertando e incentivando os pólos positivos antagonicos do ciclotímico hipomaniaco, a saber: o gosto do trabalho, o "elan", a audácia, a sociabilidade.

Nos esquizotímicos êle orientará as suas qualidades de perseverança mescladas de caprichos, o seu pendor de aprofundar os conhecimentos e outras qualidades de sua personalidade, rica de nuances psicologicas ao mesmo tempo brilhantes, paradoxais e extravagantes.

Nas palavras preambulares deste artigo de vulgarização das idéas de Kretschmer justificamos o

interesse e a importancia do estudo do temperamento da criança, por nele residir o elemento biologico fundamental da intelligencia e do caracter. As tendencias artisticas, literarias, cientificas, filosoficas, as qualidades psicologicas de caracter, na aceção de Kretschmer, não se distribuem igualmente entre os temperamentos antitéticos: ciclotímicos e esquizotímicos. Concreto e intuitivo, o ciclotímico; romântico, abstrato, esquemático, o esquizotímico. Médicos, naturalistas, "conteurs", poetas realistas, os artistas objetivos, enfim, todas as aptidões fundamentadas no visível e no sensível das coisas se encontram predominantemente entre os ciclotímicos. Os matematicos, o filosofo, o poeta imaginativo, os metafísicos, enfim, os que apresentam tendencias para simbolizar idéa abstrata e sistemática, são predominantemente esquizotímicos.

Mas as influencias do meio polarizadas pela escola litero-artística e filosofica dominante e pelos accidentes da formação intelectual podem atuar em contradição com as tendencias inteletivas constitucionais, formando individuos de contraste estrutural e intelectual. Daí toda a importancia do educador ao fórmr a intelligencia da criança, inibindo ou estimulando as disposições inteletivas, que bem cêdo se devem manifestar a quem se dêr ao trabalho preliminar de conhecer a polarização do temperamento infantil.

O carater é função do meio e das tendencias constitucionais do temperamento. Idealistas, fanáticos, moralistas, ou então amorais, insensíveis, brutais, com anestesia afetiva, são os esquizotímicos sempre em opposição ao ambiente em que vivem; otimistas, audazes, temerarios, mas conciliantes, ás vezes pouco escrúpulosos, em harmonia com o meio de que constituem a resultante psicología, são os ciclotímicos.

Dessas considerações conclue-se a grande importância para o pedagogo do estudo dos tipos constitucionais na infância. O seu âmbito de aplicação é imenso. Cumpre ao educador conhecer, estudar e aplicar as idéas de Kretschmer entre as nossas escolas. Deste estudo éle poderá tirar ilações praticas, para a formação somato-psíquica, sobretudo, intelectual e moral da criança.

NOTAS E COMENTARIOS

A importancia do cinema na educação. Regras de higiene na sua aplicação

A voga extraordinaria dos espetáculos cinematograficos em todos os povos, prova que êles correspondem a uma necessidade da natureza humana. Explica-se psicologicamente que o film se dirige ao cerebro pelo sentido mais ávido de impressões, a vista, cujo campo de exploração é mais vasto que o dos outros sentidos. Ele satisfaz, pela infinita variedade dos espetáculos da natureza e da arte, o instinto de curiosidade pelo desconhecido, o misterioso, o inacessível, o extraordinário; como o teatro, a literatura, as artes plasticas, êle é uma fonte inesgotavel de emoções; os cenários dramaticos ou comicos arrebatam os espectadores para o mundo sem limites da fantasia.

O cinema age sobre o cérebro mais directamente do que o romance e até mesmo o teatro, porque suprime o esforço de interpretação da lingua-

gem escrita ou falada, e condensa a emoção pela vista imediata das cousas.

O film economiza o trabalho mental: falando aos olhos, suprime descrições e narrações, mostra directamente os personagens que agem e exprimem seus sentimentos pelo gesto. Algumas breves inscrições bastam para determinar a ação e ligar as cenas entre si.

Um film documentario ou dramatico sugere aos espectadores, qualquer que seja a sua lingua, as mesmas representações mentais e faz nascer as mesmas emoções. E' uma lingua universal.

Para a compreensão dos fenómenos visiveis e motores, o film é mais preciso, mais claro, mais cativante do que a palavra, a leitura e a illustração: a palavra e o texto são sempre obscuros, equivoccos, podendo attribuir-lhes sentidos diversos; a estampa não apresenta os sêres senão parados, enquanto que o film revela, sem intermediario, suas fórmulas e movimentos, o que os torna interessante no mais alto gráu.

Eis aqui: algumas regras principais a serem observadas no ensino pela projecção de films: 1.º *Duração maxima das lições.* Trinta minutos para as crianças de menos de doze anos; quarenta e cinco minutos a uma hora para os de doze anos e mais.

2.º *Número maximo de lições.* Uma ou duas lições não sucessivas por semana.

3.º *Interrupções.* Dividir cada lição em duas partes pelo menos e intercalar entre elas um curto repouso, durante o qual a sala é iluminada; os alunos poderão então conversar e se mover livremente, mas sem desordem, durante este repouso.

4.º *Distancia da tela.* Os espectadores mais proximos ficarão a três ou quatro metros no mínimo do quadro;

5.º *Velocidade.* Não se deve fazer passar muito rapidamente o film com o pretexto de ganhar tempo, pois é preciso que os pequenos espectadores possam lêr as legendas e observar com facilidade, sem esforço, a série de imagens animadas.

6.º *Clareza.* A projeção na tela deverá ter uma clareza igual durante todo o curso do film; evitar-se-á a luz muito fraca ou muito forte; não se projetarão os films difusos e obscuros; deve-se passar da clareza para a obscuridade por gradação e não bruscamente.

J.

Uns testes de higiene e as lições que nos sugerem

A professora Katryne Vannoy, da Training School, de Drillon, Montana, elaborou interessantes testes para o sexto ano primario.

Damo-las aqui, não pelo que contenham de novo, mas pelo que contém de interessante e sugestivo para as nossas escolas.

Com effeito, por elles se ha de ver como o programa primario norte-americano é variado e opulento e como se procuram considerar as necessidades reais da vida, dentro da escola, por forma que ella ensine os alunos a satisfazê-las amplamente.

Os testes versam sobre os alimentos e sobre a formação de habitos de saúde.

Se neles se incluem minuscularias que todas as crianças de nossas escolas sabem, tambem se incluem topicos que nem ainda os adultos sabem devidamente.

Nem por isso deixam de ser topicos essenciaes para a vida humana.

Haja vista o crescimento das crianças. Que sabem sobre ellas os pais mais ilustrados, excetuados naturalmente os que têm estudo especializado, como os medicos ?

Haja vista a alimentação. Quais os alimentos melhores ? Como fazer uma refeição de jeito que satisfaça a tais e tais crianças ? Que devemos considerar para termos uma refeição sadia ? Quais os elementos principais dos nossos alimentos comuns ?

Haja vista o sono. Toda a gente o tem por essencial. Como organizar o sono para que satisfaça de fato ás nossas necessidades ?

Uma simples leitura dos testes nos dará a nós mesmos a visão de nossa indecisão ou ignorancia com respeito a questões fundamentais para a vida.

E daí a necessidade de enriquecermos o nosso programa, pondo nele coisas essenciaes, cuja utilidade entra pelos nossos olhos a dentro, e tirando dele as belas inutilidades de que o costumamos inçar...

VAMOS AOS TESTES

Se a afirmação fôr verdadeira. — escreva CERTO logo após; se não fôr verdadeira, escreva — FALSO.

1. O alimento é necessario para dar ao corpo energia para o trabalho e para o brinquedo.
2. A agua é sempre pura.
3. O crescimento é sempre um sinal de saúde.
4. Os ovos são os melhores alimentos.
5. O alcool é um alimento.
6. A agua é um dos melhores reguladores do corpo.
7. Um vegetal, além da batata, deve ser comido cada dia.
8. Dois copos de agua por dia são bastantes.
9. A vitamina é um vegetal verde.
10. O espinafre é rico em ferro.
11. As pessôas que usam beber uma grande porção de alcool não pôdem livrar-se de molestias tão rapidamente como as que não o usam.
12. Sete horas de sono são bastantes para as crianças em crescimento.
13. Um corpo cansado descansa durante o sono.
14. O sono é absolutamente essencial para uma boa saúde.
15. O exercicio prejudica os pulmões.
16. O exercicio treina os musculos.
17. A temperatura do corpo pode ser mantida sempre, com o uso de roupas adequadas a cada estação.

18. Uma boa posição consiste em manter a cabeça para a frente, os ombros para a frente, o estomago deslocado e os joelhos direitos.

A HORA DAS PERGUNTAS

A professora Laurence E. Hayer reserva, no seu horario de quarta-feira, um periodo para as perguntas.

Durante esse periodo, as crianças devem responder a um grupo de perguntas que forem escritas, no quadro negro, na semana anterior.

As perguntas versam sobre um material variado: ciencias, historias, arte, natureza, acontecimentos do tempo, observações gerais.

Eis a explicação da professora:

"Eu planejo as perguntas, diversas semanas antes, e esforço-me por introduzir algumas mais difíceis, para as mais atrasadas.

Essas perguntas obrigam os alunos a ser mais cuidadosos na leitura e estimulam o interesse das crianças pelas particularidades do meio. Eis alguns exemplos:

Que é "carvão branco" ?

Quem foi o grande legislador ?

Quem disse "Dai-me a liberdade ou a morte" ?

Porque a nossa cidade tem tal nome

Porque nós vemos o relampago antes de ouvirmos o trovão ?

O ESTUDO DO SUJEITO

Oscar Hoglin pôs em pratica um meio facil de estudar o sujeito: fez com que os alunos formulassem sentenças acerca dos objetos da classe.

Quasi invariavelmente as sentenças são de tal modo construidas que o referido objeto é sempre o sujeito.

Assim, peça-se aos alunos que formulem frases sobre o quadro negro, a gravura, o giz, o relógio, a mesa.

E' quasi certo que responderão: o quadro negro é grande, o giz está junto ao quadro negro. A gravura está pregada na parede. O relógio deu 12 horas, etc.

O BRINQUEDO DAS PALMAS

Já começa o frio e é preciso que os recreios se passem em jogos contra êle.

Entre esses jogos, ha um recomendado pelos tratados e que quasi todos nós conhecemos: é o jogo das palmas.

Põem-se os alunos em frente uns aos outros, ou em duas ou em quatro filas, com um metro de distancia, para que não se estorvem.

Ao compasso de uma cantiga alegre e viváz, que saibam cantar, e acompanhando com os pés, para aquecê-los, dão varias palmadas nesta ordem:

- 1.º Cada um com suas mãos;
- 2.º a direita de um com a direita do companheiro da frente;
- 3.º outra a sós;
- 4.º esquerda de um com esquerda de outro;
- 5.º outra a sós;
- 6.º as duas mãos com as duas mãos do outro;
- 7.º outra a sós;
- 8.º as duas mãos com as do outro, mas cruzadas, isto é, direita com direita e esquerda com esquerda, estas por baixo.

Ao terminar esta serie, tomar outra posição, por exemplo o 1.º de cada fila com o 2.º dela propria, o 3.º com o 4.º, etc., procurando voltar-se a tempo, sem perder o compasso, repetindo-se as palmadas no modo acima. Voltam depois á posição primitiva e, esgotada a serie, formam outra combinação, por exemplo, o 1.º de cada fila com o 3.º, o 2.º com o 4.º; os numeros pares dão um salto ou dois passos para trás.

O autor, donde o copiamos, diz que pôde variar-se á vontade e assevera que as variações requerem muito exercicio e pro-tuizem excelente efeito.

Dois anos em uma escola rural

Por Isidoro Boix Chaler

(Traduzido da "Revista de Pedagogia", de Madrid.)

Cheguei a este povoadozinho alegre da justamente chamada Suissa espanhola mais ou menos em novembro do ano de 1930. Haviam transcorrido dois anos que a escola esteve ora vaga, ora servida por interinos: dois meses antes de minha chegada o ultimo mestre interino tinha saído. Aproximadamente

mava-se o inverno, o povo desejava um mestre e a minha presença foi acolhida com o entusiasmo de que são capazes estes materialistas povos montanhese alheios quasi por completo aos problemas do espirito. Haviam eles construido sua escola ha um par de anos, com seus proprios recursos e, orgulhosos de sua obra, queriam para seus filhos o maximo rendimento da obra realizada. Encontrei, pois, uma excelente disposição para o que me propunha fazer.

Nos meses inverniaes, muito duros nestas alturas, nosso labor foi silencioso e fecundo: tinhamos que preparar o terreno para a proxima primavera. Com ela chegou o bom tempo, parecendo despertar todo o povo do prolongado torpôr invernall: haviam-se succedido varias reuniões de pais na escola e o ambiente estava já em sazão.

Defronte da escola havia um campo abandonado, cheio de pedregulhos e arbustos, campo que em outro tempo produziu excelentes batatas e hortaliças: êle seria nosso "campo de batalha". Nas horas de recreio fizemos a sua limpeza e, afinal, levados por nosso entusiasmo, iniciamos sua lavra com acoinhos, pás e enxadas. Feito, porém, por nós, teria resultado interminavel e custoso. Era necessaria a intervenção dos maiores, e esta nos veiu. Em varias sessões de trabalho nosso campo ficou preparado: os pais dos alunos com suas juntas fizeram o milagre. Nosso labôr na classe se fazia simultaneamente com o que se realizava fóra: era de vêr a alegria destes pequenos, ao contemplarem, desenhados por suas proprias mãos, a seus pais ou devidos ao lado de algumas composições, originaes umas e ditadas outras; ao levar estes trabalhos a suas casas, os pais não cabiam em si de contentes. Todos os incidentes do exterior eram comentados em classe e serviam de motivo para uma infinidade de lições: ia-se iniciando de maneira firme e segura a colaboração entre a escola e a familia; esta se interessava por nosso labor e punha em contribuição para nossa obra uma parte de suas energias.

Porém, no campo não havia cerca de nenhuma especie; sua entrada era franca em qualquer momento para toda sorte de animais, o que impedia de levar a bom termo nossa tarefa. Não havendo possibilidade economica, decidimos construir uma cerca de madeira, para que o bosque vizinho nos oferecia material a proposito. Houve varios dias de trabalho para o "comum", (como chamam aqui ao trabalho gratuito para a coletividade); tomou parte todo o povo; uns cortaram as arvores necessarias; outros as arrastavam com seus animais de tração; depois serram-nas con-

venientemente, e em poucos dias foi colocada ao redor de nosso campo uma tosea cerca que preenchia a finalidade proposta. Os dois carpinteiros que ha na povoação e que tambem trabalharam no "comum" construíram dois portões simples, do mesmo "estilo" da cerca. Entretanto, havia chegado o bom tempo e nossa classe ficou convertida quasi permanentemente no jardim. Ali, "escola ativa": medimos o campo em todos os sentidos, desenhamos seus croquis com diversos motivos, varias vezes, e depois de muitos ensaios e discussões nas quais quasi todos os alunos expuseram seu parecer, concordamos na distribuição de nosso campo: este, de fórmula triangular, ficaria dividido em duas partes por meio de um passeio central; das ditas porções, a do lado norte se subdividiria em pequenas parcelas que pertenceriam temporariamente a cada um dos alunos: nelas poderiam plantar ou semear o que fosse de seu agrado. O do lado sul se dividiria em três grandes parcelas á maneira de tableiros, que dedicariamos exclusivamente á plantação de arvores de adorno e flores; cada parcela pertenceria a um grupo de alunos que a cultivariam em comum.

Ultimada a cerca e terminada assim a primeira etapa de colaboração dos maiores, reunimo-nos na escola para decidir com eles em que deveria consistir sua ajuda ulterior: todos concordaram em concedê-la entusiasta e decidida, como assim foi, com efeito, na grande maioria de casos.

Houve necessidade de adubar o campo, e cada menino levou á escola uma "carga" de estercor. Era divertido vêr chegar os alunos á escola, com seus burricos, levando estes, de ambos os lados, medidas cheias de adubo. Uma manhã do mês de março, em que o esplendor do tempo convidava a saltar da cama, fiquei agradavelmente surpreendido ao vêr que dois dos meus pequenos alunos estavam entusiasmados preparando suas respectivas parcelas, quando todavia, faltavam algumas horas para começar a aula da manhã.

Todo esse tempo foi pródigo em ensinamentos proveitosos. Em nosso trabalho tivemos necessidade do auxilio da aritmética, geometria, ciencias naturais, que eram estudadas, não como méras disciplinas, sinão como algo vivo que por este motivo interessava grandemente a meus alunos. Seus pais, vendo que os pequenos aprendiam a lêr e a escrever (além de outras muitas coisas que escapavam á sua compreensão) e que acudiam com prazer á escola, se interessavam cada vez mais por nossa obra.

Chegou o mês de abril e com êle o tempo de maxima atividade em nosso jardim; diariamente acudiam á escola

algumas mulheres do povo com ricos presentes: plantas e flores de toda especie, que arrancavam de sua horta e que nos ofereciam com boa vontade. Os alunos visitavam solicitando flores, a toda gente e apenas tinham noticia da existencia de alguma planta pouco frequente, formava-se uma comissao que ia pedir algumas sementes ou ramos da planta cobiçada, para a escola. Houve necessidade, algumas vezes, de ir a um povoado vizinho e até, em varias occasões, com aquele motivo, se organizaram excursões, para visitar os meninos de outros povoados; com isso realizamos, ademais, uma obra de aproximação espirital entre lugares vizinhos e que, sem embargo, não se tratavam em outros tempos, com as atenções devidas. Conseguimos assim interessar em nossa empresa a muita gente, além dos pais dos alunos, reunindo em nosso jardim plantas das mais diversas procedencias. Houve um senhor da aldeia proxima, muito afastado do que isto escreve por ideologia politica, que nos enviou varios pacotes de sementes para o jardim; tambem recebemos valiosos donativos de alguns mestres deste vale.

Desejando plantar alguns abetos, fomos um dia ao bosque com picaretas e enxadas para arrancar pequenos arbustos que foram depois replantados em nosso jardim; nesta excursão levamos conosco um burro (que nos cederam os pais de um aluno) para levar os utensilios de trabalho e depois os arbustos que tivemos bem cuidado de arrancar com a terra necessaria.

Faziam falta arvores frutiferas: pensou-se em pedirlas a Lérida, com a condição de que fossem de boa qualidade. A premencia do tempo impediu se procedesse assim e acordamos deixá-lo para o ano vindouro. Plantaram-se as arvores do país, (pereiras, macieiras, etc.) que mais adiante enxertariamos. Na primavera seguinte encomendaram-se, com tempo sufficiente, quinze arvores frutiferas de boa qualidade, que em abril pudemos plantar; com tal motivo muitas familias da localidade decidiram tambem plantar frutas em seus campos respectivos, fazendo um pedido coletivo de mais de duzentas arvores. E' esta uma fonte de riqueza muito descuidada nestas montanhas; se se lhe dedicar a devida atenção, os resultados serão, sem duvida, ótimos.

Nossos propositos a respeito do campo escolar iam-se realizando tal como tinhamos previsto; haviamos conseguido que todo o povo se interessasse pela escola e que esta fosse olhada como a casa de todos; acudiam a ella com a naturali-

dade de quem vai a sua propria casa. Bastava uma simples indicação para que eu tivesse reunidos todos os pais de meus alunos, estabelecendo-se um constante e intenso intercambio que permitia resolver com grande facilidade quantos problemas se apresentavam. Mais de uma vez se deu o caso de que, trabalhando em nosso jardim, passava por ali algum familiar dos alunos; vendo que realizavamos um trabalho superior a nossas possibilidades, prontificava-se em seguida a ajudar-nos. Em certa occasião tivemos que sustentar uma discussão com a mãe de um aluno, que pretendia que retificássemos o traçado de um acalor afim de que a porção cultivavel fosse maior; ficou acalorada a discussão, fazendo-lhe vêr que as exigencias estéticas nos impõem ás vezes pequenos sacrificios materiais que devem ser feitos com prazer.

A primavera avançava e com ella o nosso jardim ia vestindo suas melhores galas; chegou a constituir a admiração de todos nós e dos estranhos. Quantos passavam defronte da escola viam que aquele ciral de meses antes ia-se convertendo em rico vergel, ponderavam com exagero o trabalho efetuado; isto agradava em extremo aos pais dos alunos, os quais, por outro lado, viam que seus filhos iam á escola com alegria e que seus progressos nela eram patentes. Culminou nossa obra no esforço maximo realizado pelo povo em seu afan de dotar a escola de todas as perfeições possíveis. Convenceram-se bem depressa de que o quadro que tinham ante os olhos requeria outro marco; expressaram o desejo de substituir a cerca tosca de madeira, que já havia cumprido sua missão, por um cercado de arame. Os alunos se encarregaram de efetuar as medições e calculos necesarios, determinando a quantidade de arame e outros materiais que eram precisos, como numero de barras de ferro, etc. Colocaram-se, assim, duas artisticas portas de ferro, construíram-se umas escadinhas para descer da habitação á sala de aula e foi posta em ordem a canalização que provê de agua o nosso jardim. Calcule-se o sacrificio que representa para uma aldeia de 125 habitantes o gasto de mais de 2:000\$000 em uma obra escolar. O que maior satisfação me produziu foi vêr, retratada no semblante destes rudes habitantes, a alegria intima, sincera de realizar um esforço que redundaria em beneficio da educação de seus filhos; outro detalhe que me fez comprovar que na obra realizada interveiu o povo, ainda aquelas familias que não tinham nenhum filho na escola, prova evidente de que o feito nela interessava e comprazia a todos.

Acreditando de grande interesse nestas alturas soli-

citei de meu amigo mestre de Vinaroz, D. José de Vilaplana, a remessa de uma coleção de moluscos, crustaceos, etc., tão abundantes no litoral mediterrâneo. A remessa de mais de quinhentos exemplares, formosos e variados, serviu de base para o nosso atual museu; os meninos (e os maiores) ficaram maravilhados á vista de seres de que nem sequer tinham noticia, e seu assombro crescia ao inteirarem-se das particularidades da vida submarina. Organizou-se nossa semana do mar, na qual se ofereceu aos alunos tudo quanto se pode recolher referente á vida do mar; valemo-nos do auxilio de gravuras, fotografias, algumas miniaturas de barcos, que, junto com o material que havíamos recebido, nos permitiu dar aos alunos uma idéa bastante aproximada do que é o mar. Falei aos meninos dos museus e de sua importancia educativa; bem palpaveis eram os resultados de sua iniciação. Um menino disse que em uma mina abandonada, proximo do povoado, encontrou cristais muito bonitos; aproveitamos o primeiro dia de bom tempo e fomos dar lá nossa aula. Encontraram-se preciosos cristais de quartzo de tamanhoregular e muitos deles com magnificos sinais na cristalização; encontramos tambem uma salamandra viva e algumas rãs. Tudo isso nos serviu de pretexto para varios trabalhos em classe. Correspondendo a uma indicação minha concordou-se, com entusiasmo enviar-se algumas amostras de rochas e minerais recolhidos ao sr. Vilaplana, escrevendo os meninos por esse motivo varias cartas, cada qual mais expressiva. Como dado curioso devo dizer que mais de uma vez acercaram-se de mim os pais dos alunos pedindo-me lhes mostrasse aquelas coisas do mar de que seus filhos haviam falado com tanto entusiasmo; não é preciso dizer com quanto gosto accedi a tais desejos, dando-lhes toda sorte de explicações.

A leitura do livro "*Bibliotecas escolares*" publicado pela "Revista de Pedagogia", suggeriu-se o proposito de formar nossa biblioteca escolar; tinhamos já na escola alguns livros; consegui uma pequena parcela no orçamento, que me permitiu adquirir outros, aos quais reuni uns quantos de meu pequeno fundo. Assim se iniciou nossa biblioteca. Porém, era mister interessar mais dirétamente os meninos, fazendo-os intervir nela intensamente. Para este fim surgiu quasi espontaneamente a idéa de formar uma sociedade cuja unica finalidade seria a de fomentar a biblioteca. Escreveu-se um regulamento muito simples que foi discutido, artigo por artigo, em assembléa geral. Marcou-se uma quota de dez centimos semanais por aluno, e procedeu-se se-

guidamente á formação do catalogo dos livros existentes. Um gesto que merece destacar-se foi o acôrdo tomado, na ausencia do interessado, de admitir como socio, dispensado de contribuição, a um menino cujos pais viviam na maior indigência. Como os alunos levavam todas as semanas algum livro a sua casa, conseguiu-se tambem interessar os adultos, que eram poderosa ajuda no fomento de nossa biblioteca. Agora dirigiremos nossos esforços para a criação, pelo municipio, de uma biblioteca popular, para o que contamos já, no mesmo edificio escolar, com um magnifico salão.

Tais são os meios de que me valí para vitalizar e no possivel enriquecer nossa escola rural: tenha-se em conta que nos achamos em pleno Pireneu, a 200 quilometros da estrada de ferro e a quasi metade de quasi todo centro importante de população. As dificuldades com que tivemos de lutar foram enormes em certas occasiões: não foi uma das menos importantes o espirito excessivamente materialista destes pobres aldeões e sua resistencia a reformas que nunca acreditaram necessarias. Foi preciso que tocasse primeiramente resultados praticos para que se decidissem a ajudar-nos: ás vezes o fizeram, sem embargo, com fé e entusiasmo. Porém, é indubitavel que aqui, antes de pedir, ha que dar com esplendor, e ainda assim ha que convencê-los palpavelmente de que seu sacrificio produzirá bons resultados imediatos. Não obstante, confio sinceramente em que a cultura abrirá nestes montanhêses mais dilatados horizontes á sua intelligencia e que, em prazo não longinquo, deixarão de ser o peso morto que atualmente leva ás costas nossa amada Republica.

O Course de Aperfeiçoamento para Religiosas

Falando a A TRIBUNA, o professor Guerino Casasanta, Inspetor Geral da Instrução, diz que o curso para religiosas é um sinal da vitalidade de reforma do ensino.

A Igreja e as novas correntes pedagogicas — ex-America luz! — Os fins da educação — A personalidade — Curso para religiosas — A vitalidade da reforma — Tres perguntas

Conforme é do conhecimento de Aperfeiçoamento para Religiosas, foram baixadas, ha pouco, pela Secretaria da Educação e Saude Publica, instruções relativas á creação, entre nós, do Curso

de Aperfeiçoamento para Religiosas.
O curso será dirigido pessoalmente pelo sr. Guerino Casasanta, inspetor geral da Instrução,

a quem A TRIBUNA procurou ontem, afim de nos transmittir, numa entrevista, mais esclarecimentos sobre a curiosa iniciativa.

"Ao contrario do que geralmente se pensa — começou o dr. Guerinio Casasanta a Igreja não cessa de acompanhar, e com o maximo carinho, o desenvolvimento da educação popular e as aquisições efetuadas, dia a dia, neste assunto vital para as sociedades modernas.

A sua função propria e predominante é ensinar, e para isso os seus sacerdotes trabalham em todas as partes do mundo com o mesmo ardoroso ideal e com o mesmo invencivel espirito de sacrificio.

O que, entretanto, tem distanciado a Igreja das novas correntes pedagogicas ou tem concorrido para isso são os fins e não os metodos.

Nem se compreende, mesmo, que a divergencia fosse outra, quando o Evangelho é uma lição viva, em quasi todas as suas paginas e ensinamentos.

Pio XI, em sua enciclica "Divini illius Magistri", publicada em 1929, analisando o ensino de varias disciplinas e as cautelas que deve o professor tomar no desempenho de suas funções, diz: "E esta necessaria cautela não impede de modo nenhum que o mestre catolico acolha e aproveite quanto de verdadeiramente bom produzem os nossos tempos na disciplina e nos metodos..."

EX AMERICA LUX!

Vale a pena ler o livro do Padre de Hovre sobre "O catolicismo, seus pedagogos e sua pedagogia". Nele se vê bem nitida a orientação catolica das escolas americanas, através de um estudo sobre "A luz da America", do grande cardinal Spalding.

Como bem acentua De Hovre "O sol da vida do espirito se levanta sobre a America" a qual, diz Wels, será, dentro de pouco, o centro do movimento artistico, literario e scientifico.

Como o nosso sistema pedagogico, repousa em grande parte, nas ideias e praticas americanas, feitas as necessarias e imprescindiveis adaptações, convirá examinar o pensamento do cardinal Spalding em ligeiras palavras.

A sua fé na vida é inabalavel. "Viver é crer. A aspiração a uma vida mais rica e mais intensa é um passo mais para Deus." A sua filosofia póde ser assim enunciada: "a verdadeira vida humana é um processo de educação; a verdadeira educação é um processo de vida."

O que hoje mais preocupa a escola, é, exatamente, a vida, de tal forma que, através dela, dentro dela, para ela se orienta a criança e, assim, a educação se torna um processo de vida.

OS FINS DA EDUCAÇÃO

O fim da educação — segundo Spalding — se confunde com a finalidade da vida, porque a educação é o desenvolvimento da vida em vista de seu fim. Para que

a vida seja, de fato, util e para que a educação seja a propria vida, cumpre formar o caráter, como ponto culminante de qualquer sistema educativo.

E para a formação do caráter Spalding cita como instrumentos o trabalho, a necessidade e o sofrimento.

"O trabalho é o grande fazedor dos prodigios.

"A necessidade é a geradora dos grandes homens.

"Os grandes corações e as grandes dôres se harmonizam melhor, porque a dôr é uma parte de uma nobre vida".

A PERSONALIDADE

A escola é o professor — diz o pedagogo da personalidade.

O professor deverá ser, antes de tudo, um homem verdadeiro, porque dele depende a grandeza da escola, a sua eficiencia social, pela contribuição que proporcionar á formação da personalidade da criança.

Os fins que as novas correntes pedagogicas querem alcançar é justamente obter um professorado digno de sua missão e uma mocidade digna de sua esplendida Patria.

O problema da disciplina, o mais importante de toda e qualquer renovação humana, sintetiza todas as aspirações, todos os trabalhos, e todas as apreensões dos homens de Estado.

Diante das questões que a vida contemporanea apresenta, o homem necessita de uma armadura rigida, de uma organização espe-

cial, sem o que não poderá viver frutiferamente.

Como alcançar a paz sem trabalho? Como trabalhar sem disciplina como alcançar a disciplina sem a construção da personalidade.

Estes e outros problemas estão ligados á educação, que é, acima de tudo, uma creadora de personalidade.

E para que a disciplina seja de fato solida, é preciso que venha de dentro para fóra, isto é, que o "homem empreenda a reforma do mundo pela reforma do seu proprio "Eu" e que, enfim, como diz Spalding, o coração seja a sua morada e o espirito o seu reino.

Não nos deteremos, por mais tempo, na analise de uma figura formidavel de pedagogo catolico, cujas palavras de fé e de fogo bem indicam o pugnaz soldado de Cristo.

No magistral estudo que temos á vista acerca de Spalding, sobram exemplos para justificar que a Igreja não menospreza os nossos melodos, antes os apregôa e recomenda. Não perde, entretanto, de vista o fim capital da educação, que certos povos colocam no alheamento do problema espiritual, afastando a escola e, em consequencia, a sociedade, de Deus e da religião.

O CURSO PARA RELIGIOSAS

Minas-Gerais, como é bem parente, tem procurado de alguns anos a esta parte, transformar sua escola e seus mestres, afim de conseguir um enriquecimento da

sociedade, uma melhoria de vida, uma renovação de homens, enfim, uma renovação capaz de nos elevar e enobrecer. Aliás, é este o ideal predominante da humanidade, desde os tempos mais remotos.

O nosso movimento pedagógico assumiu personalidade própria no governo do dr. Antonio Carlos, e, daí para cá, não mais esmoreceu, antes lançou novas raízes na sociedade mineira.

As religiosas de diversas Congregações — que dirigem 60 das 72 escolas normais equiparadas — nunca se colocaram à margem do movimento. As suas práticas pedagógicas muito têm evoluído não só na Capital, mas também no interior do Estado, como o próprio Secretário da Educação e eu tivemos oportunidade de verificar.

Não satisfeitas ainda, sugeriram ao governo a criação de um curso de aperfeiçoamento, um curso intensivo, que as habilitasse ainda mais para a grande tarefa do ensino e, do ensino moderno. E foi por isso que o dr. Noraldino Lima baixou instruções criando o curso, que se instalará brevemente e será dirigido, por mim, pessoalmente.

AS MATERIAS DO CURSO

Em comunicado distribuído à imprensa, delinhei os planos que esperamos executar. As materias, que serão lecionadas pelas professoras da Escola de Aperfeiçoamento e outros elementos da Capital, são as seguintes: psicoló-

gia educacional, principios gerais do ensino, metodologia da geografia, ciencias naturais, aritmetica, historia, etc., etc. A aula de socialização ficará a cargo de d. Amelia de Castro Monteiro, diretora da Escola de Aperfeiçoamento. Durante a semana, além das aulas, haverá palestras pedagogicas pelos melhores mestres da Capital.

As atuais professoras religiosas de metodologia e psicologia terão um curso e 6 meses, e as demais, de 12 meses. Concluído o curso e submetidos os estabelecimentos a uma fiscalização especial, poderão eles ser elevados á categoria de escolas normais do 2.º grau.

A VITALIDADE DA REFORMA DO ENSINO

O curso de aperfeiçoamento para as religiosas, além de satisfazer uma aspiração sua, indica que a reforma do ensino em Minas está em plena vitalidade. Como terá visto, pelos comunicados da Imprensa Geral da Instrução, os grupos escolares da Capital distribuem, diariamente, mais de tres mil merendas; já recebemos 120 jornais escolares, de varios grupos do Estado; as bibliotecas infantis existem em todas as escolas; o ensino rural, de tão relevante importancia para o nosso Estado, está sendo restaurado em todo o territorio mineiro; os clubes de leitura, todas as outras instruções escolares estão em franco desenvolvimento, como oportunamente provaremos. A marcha da reforma não se deterá,

porque o espirito é imortal, e ninguém nega a força propulsora das idéas, que se alastram, difundem e multiplicam. A obra educativa que estamos realizando é das mais solidas e mais duradouras que jamais se fez no Brasil.

O curso que agora vamos inaugurar é um fato inédito em Minas e, provavelmente, no Brasil.

De varios colegios já recebemos inscrições numerosas e, para comprovar o fato, basta dizer que o "Sacré Coeur de Marie", da Capital, inscreveu nove religiosas, o "Sagrado Coração de Jesus", oito, e o de Araguari, cinco.

Creio que isto basta para provar o entusiasmo e a satisfação com que foi recebida a instituição do curso.

A reforma terá agora novos motivos de expansão e de desenvolvimento, pela unidade de orientação de todas as escolas normais do Estado. E é só de professores bem preparados que a sua pratica depende.

Posso afirmar, com segurança, que o curso para religiosas, é mais um passo para a grandeza do povo mineiro e, portanto, de Minas-Gerais.

TRES PERGUNTAS

Perguntamos ao prof. Guerine Casasanta se poderia sintetizar, numa imagem, o estado de espirito do professorado mineiro.

—Sim, respondeu o Inspetor Geral da Instrução — uma agulha com as asas desdobradas, vale dizer, o lema de Napoleão.

—Como poderia traduzir a sua confiança no esforço dos professores?

—Ainda citaria, invertendo-lhe o sentido, a celebre frase de Napoleão, quando lhe fizeram sentir a exiguidade de suas forças: "Tendo 50 mil homens e eu, o que perfaz 150 mil".

—Tem conseguido algum resultado de seu trabalho?

—Responderei, como o poeta latino: "Fiz o que pude".

A INSTALAÇÃO DO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA RELIGIOSAS

Conforme estava anunciado, teve lugar ontem, na Escola de Aperfeiçoamento, a inauguração do Curso de Aperfeiçoamento para Religiosas.

Esse curso, conforme tem sido divulgado, destina-se a preparar candidatas á regencia das cadeiras de metodologia e psicologia nas escolas normais equiparadas, pertencentes ás Congregações Religiosas.

A instituição do curso despertou um grande interesse em nossos meios educacionais, dada a sua alta significação.

O ato da inauguração revestiu-se de grande solenidade, tendo tido uma assistencia numerosa e seleta, e a presença das autoridades do Governo do Estado e do Clero.

A's oito horas da manhã, presentes as alunas do Curso, os professores que o ministrarão, as altas autoridades a que nos referimos, as professoras e alu-

mas da Escola de Aperfeiçoamento, foi rezada a missa votiva, sendo oficiante o Arcebispo de Belo-Horizonte, d. Antonio dos Santos Cabral, que teve como ajudante o padre Aginaldo, secretário do Bispado.

Durante o officio foram cantadas pelo baritono Asdrubal Lima varias peças sacras, acompanhadas ao harmonium pela professora Maria Auxiliadora Lima.

A ORAÇÃO DE D. CABRAL

A' pratica, d. Antonio dos Santos Cabral, em magnifica oração, referindo-se ao Curso de Aperfeiçoamento para Religiosas, disse da sua alta significação e do seu alcance. Elogiou o Governo de Minas pela iniciativa da instituição do Curso, salientou o vulto do empreendimento em que está empenhado o Governo em prol da obra educacional e como essa obra vai empolgando os espiritos e vai se fazendo grandiosa, para honra de nosso povo e para gloria do Brasil.

Disse do papel da Igreja em face da obra da educação e em face da nova pedagogia, como a Igreja acompanha o movimento modernista. Referindo-se ás doutrinas novas, disse das reservas da Igreja e das precauções que deve ter contra a sua pratica mal orientada e desprovida de fé cristã, embora reconheça se deva aceitar o que de bom se contém nas varias doutrinas. Esboçou o movimento pedagogista catolico citando as suas figuras de vanguarda.

Referiu-se ainda ao gesto de sa-

crificio e de abnegação das candidatas ao novo curso, colaboradoras sinceras do Governo na grandiosa missão do ensino, as quais muito recomendava aos diretores e aos professores do curso.

O LUNCH

Finda a missa foi oferecido aos presentes um lunch na sala de refeições da Escola.

A BENÇÃO DO EDIFÍCIO

Após o lunch teve lugar a benção do edificio da Escola de Aperfeiçoamento, cerimonia tambem levada a efeito pelo Arcebispo D. Cabral.

A INAUGURAÇÃO DO CURSO

No salão nobre da escola teve lugar o ato de inauguração official do Curso de Aperfeiçoamento para Religiosas.

Presidiu á sessão D. Antonio dos Santos Cabral, que tinha a seu lado, na mesa, o professor Guerino Casasanta, inspector geral da Instrução e atualmente Secretário Interino da Educação; dr. Candido Naves, diretor do Tesouro; d. Amelia Monteiro, diretora da Escola de Aperfeiçoamento; padre Marcos Penna, reitor do Ginasio Mineiro da Capital; Monsenhor João Rodrigues de Oliveira, vigário geral do Arcebispo; padre Aginaldo, secretário do Arcebispo.

O DISCURSO DO PROF. GUERINO CASASANTA

O professor Guerino Casasanta inaugurando o Curso, após fazer

ligeiras referencias á sua instituição onde salientava as figuras do presidente Olegario Maciel e do dr. Noraldino Lima, secretario da Educação pela sua alta compreensão das necessidades reais do ensino em Minas e pela orientação segura com que vêm dirigindo a sua marcha e os seus destinos, proferiu o seguinte discurso:

"A instalação do curso de aperfeiçoamento para as religiosas das diversas congregações que comnosco trabalham na educação da mocidade mineira é um fato unico em Minas e talvez no Brasil. Além de significar a realização de uma aspiração coletiva das religiosas, o curso que hoje se inicia representa o cuidado e a atenção que o governo coloca na solução do problema do ensino.

Um dos pontos essenciaes da reforma, que vimos executando sistematicamente, é o aperfeiçoamento progressivo e incessante do professorado. A melhor reforma, a reforma que melhor e mais auspiciosos frutos pôde produzir, é aquela que começa pelo professor. O aluno é que, até bem pouco tempo, era o objeto de transformação e mudanças, dos programas e regulamentos, como se um decreto pudesse resolver o problema dos problemas que é a educação da infancia.

A reforma do mundo, diz o cardeal Spalding, deve começar pela reforma do *Eu*. E mais particularmente aconselha que o primeiro dever do educador é educar a si proprio.

E esse trabalho deve concretizar-se numa transformação constante, numa melhoria de conduta progressiva, afim de que o nosso interesse pela educação "seja bem a medida de nosso interesse pelo mundo e pela humanidade".

A aquisição de novos instrumentos educativos e de novas técnicas de ensino, de novos e mais perfeitos meios de trabalho é uma condição essencial para o exito do bom professor. Si a escola parasse no meio do caminho, o que não seria a humanidade? A perfeição, que os povos procuram atingir, constitue a meta de todos os trabalhos, de de todas as lutas, de todas as apreensões dos homens.

O mundo, nesta hora instavel, necessita, mais do que nunca, de grandes professores. Nem a politica, nem as finanças, nem o commercio ou a industria, mas a educação, no seu sentido mais amplo e mais profundo, é que deve ser a maxima preocupação de um povo livre — diz um grande pedagogo catolico. O professor é quem desempenha uma imensa ação social, de remodelação e de aperfeiçoamento e, por isso, diz Spalding, "nela está a honra, a benção e a dignidade.."

A' presente geração cabe a grande e magnifica tarefa de começar a obra da renovação dos homens, indicando ao futuro o caminho da vida, traçando-lhe os rumos de uma perfeição e de uma paz que não podemos gosar.

A instituição de uma disciplina interior e, portanto, indestrutível dará aos homens de amanhã uma noção mais clara dos seus deveres e dos seus direitos, induzindo-os a uma vida que seja, de fato, digna de ser vivida, pelos exemplos e pelas atitudes que legar à humanidade.

A nós, professores e professoras cristãos, incumbe a maior parte das responsabilidades, pela soma de benefícios que tivermos produzido no meio em que vivemos.

Eis porque o fato, que hoje celebramos, assume proporções de um grave compromisso e se reveste, ao mesmo tempo, de alegria e de entusiasmo.

O curso para as religiosas indica bem a força do movimento educacional mineiro; significa a ansia de perfeição a que nos solicita a nossa vocação histórica de centro e de equilíbrio no quadro da vida brasileira; mas, acima de tudo, mostra à evidência que o Estado e a Igreja se entendem e se harmonizam no campo da educação popular, onde certos espíritos só distinguem divergência e separação.

E' pois, um motivo de regosijo e satisfação o início desta etapa sem par, em que não se sabe bem quem aprende mais, se os professores ou os alunos: porque as revdmas. Irmãs que aqui se acham o mínimo que nos trazem é o seu santificante exemplo de obediência e humildade que tanto nos eleva o espírito e purifica o coração.

Verão, as revdmas. Irmãs, nestes meses de trabalho, que a obra da Escola de Aperfeiçoamento é, talvez, uma das mais impressionantes do Brasil e que aqui se realiza a verdadeira transformação da escola mineira. Sem ela, a nossa reforma estaria morta; sem ela, as nossas escolas continuariam a ser fontes de desestímulo e de desanimio.

Congratulo-me, pois, com o governo mineiro e com o exmo. sr. Arcebispo de Belo-Horizonte por esta hora inesquecível, e, particularmente, com o dr. Noraldino Lima, secretário da Educação, realizador infatigável das aspirações das professoras pertencentes às Congregações Religiosas.

Em nome de S. Excia., tenho a grata satisfação de declarar inaugurado o curso de aperfeiçoamento para as religiosas das Escolas Normais equiparadas de Minas-Gerais".

O DISCURSO DA PROFESSORA AMELIA MONTEIRO

A professora Amelia Monteiro, diretora da Escola de Aperfeiçoamento, fazendo uso da palavra, disse da significação e da obra que realiza a Escola que dirige.

Frizou como seus objetivos primordiais formar o espírito do professor, o espírito do verdadeiro educador; cultivar e melhorar os metodos para educar melhor; acompanhar a evolução da ciência sem perder a linha de direção que marca as tendencias espirituais de nosso povo.

Relacionou com os ideais da Escola de Aperfeiçoamento os ideais do curso que se inaugurava, mostrando como esses ideais caminhavam na mesma direção, e para um mesmo fim, em busca do bem, com os olhos voltados para Deus.

Congratulava-se com os poderes publicos, com as escolas mineiras e com as Congregações Religiosas pela instituição do curso que se inaugurava.

Teve, por fim, palavras de carinho, e de boa acolhida para as Religiosas candidatas ao novo Curso.

ENCERRAMENTO DA SESSÃO

Usando da palavra para encerrar a sessão, d. Antonio dos Santos Cabral teve ainda palavras de grande animação e entusiasmo pela inauguração do Curso, congratulando-se mais uma vez por esse acontecimento, com o Governo do Estado e com os professores a alunos que nele tomariam parte.

OS PRESENTES A' SOLENI-DADE

Estiveram presentes à solenidade, além das pessoas já citadas, o professor Levindo Lambert, pelo Inspetor Geral da Instrução em exercicio, sr. Claudionor Lopes de Oliveira, o prof. Oscar Arthur Guimarães, do Corpo Técnico da Secretaria da Educação, prof. Arduino Bolivar, professoras Irene Silveira, Leticia Chaves e Maria Luiza A. Cunha, assistentes técnicas do ensino, sr.

Asdrubal Lima, professoras e alunas da Escola de Aperfeiçoamento, varios diretores e professores de estabelecimentos de ensino da Capital, etc.

VISITA AO PRESIDENTE DO ESTADO

As religiosas da Capital e as inscritas no Curso, foram incorporadas, ás 15 horas, ao Palacio presidencial, agradecer ao Chefe do Governo Mineiro o ato governamental que instituiu o Curso de Aperfeiçoamento para Religiosas.

No salão de honra em Palacio, ás 15 e 30, deu entrada o presidente Olegario Maciel, acompanhado do sr. Guerino Casassanta, inspetor geral do Ensino e secretario interino da Educação e Saude Publica; do dr. Candido Naves, diretor geral do Tesouro do Estado, e do assistente militar da presidencia, cel. Feliciano de Andrade.

Após as apresentações e cumprimentos, falou em nome das religiosas a exma. sra. Maria Luiza de Almeida Cunha, assistente técnica do Ensino primario da Capital.

DISCURSO DA SRA. MARIA LUIZA

Depois de afirmar que o impulso que levou ali as revdmas. Irmãs é de profunda gratidão, faz um retrospecto das cousas da instrução nos governos Mello Vianna e Antonio Carlos.

Diz que o presidente Olegario Maciel assumindo a criação do

Curso de Aperfeiçoamento para as Religiosas, culminou de modo inexecedível a obra lançada e já em franco progresso da Instrução Publica em Minas-Gerais.

A alocação da sra. Roberto de Almeida arrancou calorosos aplausos dos presentes.

Em seguida o prof. Guerino Casasanta leu um discurso de agradecimentos em nome do presidente Olegario Maciel.

DISCURSO DO DR. GUERINO CASASANTA

Julgava traduzir bem o pensamento do sr. Presidente do Estado, dizendo que, de todas as homenagens que o povo mineiro lhe tem tributado nenhuma se comparava àquela demonstração de varios pontos de Minas.

A S. Excia. era grato recebê-las em Palacio e dizer-lhes que considera uma das glorias de seu governo a instalação do primeiro curso de aperfeiçoamento para religiosas, o primeiro em Minas e o primeiro no Brasil.

A criação do Curso de Aperfeiçoamento para Religiosas constitua um motivo de satisfação para um governo que, tendo participado de duas revoluções, vê, ao depois, em pleno desenvolvimento a educação do povo, de cuja transformação depende a segurança do Estado e o futuro do Brasil.

Depois de salientar que o desejo de aperfeiçoamento por parte do professorado mineiro é auspicioso e digno de louvor, termina sua brilhante oração agradecendo, em nome do Presidente, aquela cordial visita.

DAQUI E DALI

Cantos escolares

VI

Dissemos que o Cancioneiro e o hinario, organizados pelo Estado, fornecem, em linhas gerais, um cabedal mais ou menos bem escolhido de peças adaptaveis ás varias classes de um Grupo Escolar.

De fáto, assim o é. Mas, não basta extrair-se desses albums as peças necessarias e applicá-las discricionariamente. Elas estão organizadas com certo cuidado, na

tessitura simples, na extensão justa, no ritmo leve e na tonalidade certa.

Resta saber, porém, se — ao applicá-las — a professora tem o cuidado de consultar um piano, um diapasão ou um instrumento musical qualquer, afim de ajustar o canto á tonalidade posta na clave e, por isso mesmo, susceptível de adaptar-se á extensão de voz das crianças.

Ora, isso nem sempre é feito, porque ha falta quasi que absoluta daqueles instrumentos. Na maioria dos casos então a professora inicia empiricamente o canto, sem a ajuda de qualquer instrumento, e as classes o continuam com prejuizo patente para os órgãos de fonação, com desgarrado para os órgãos auditivos dos que escutam e para a irritação dos que têm em alto apreço o bom gosto e a arte.

Principalmente o delicado aparelho fonador da criança exige, impõe, por parte da mestra, cuidados e atenção, no sentido de evitar esforço demasiado.

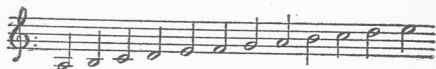
Se nenhum mal ha, segundo asseveram os higienistas, em que a criança cante, o mesmo não acontece se o canto é feito a plenos pulmões, gritando, irritante. E comumente é o que se vê. Sem controle e sem guia, a criança, levada pela emulação, alteia a vizinha delicada, cada vez com maior esforço, porque o companheirinho também grita e é de seu gosto sobrepuja-lo na força e na "altura". E o canto se torna, então, uma gritaria estridente: musica dissonante e letra ininteligível. Perde aquela suavidade que devera ser a característica dos cantos coletivos, capaz de despertar na alma das crianças sentimentos e emoções artisticas.

E' de premente necessidade que o Estado, na impossibilidade de fornecer um piano a cada escola, lhe forneça apenas um simples diapasão, coisa de baixo custo, mas que serviços grandes prestará ao canto e maiores ainda prestará á higiene da voz infantil.

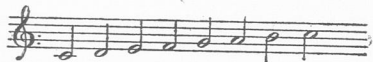
VII

A voz da criança, diziamos, péde o nosso maior cuidado. Delicada, como delicado é o organismo que se pôs sob os nossos cuidados está sujeita a accidentes insanaveis, se se lhe dão ensanchas a que se expanda irregularmente.

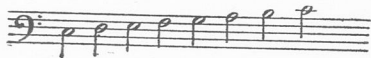
A sua extensão é pequena em relação á do adulto. Vai de *la*, da segunda linha suplementar inferior, a *mi*, no quarto espaço do pentagrama:



Rigorosamente, porém, maxímé nas crianças dos primeiros anos primarios, vai de *dó*, na primeira linha suplementar inferior, a *dó* do terceiro espaço do pentagrama, posta neste a clave de sol:



Ora, qualquer adulto, mesmo de voz inculta, alcança de *dó*, do segundo espaço do pentagrama, em clave de fá, a *dó* na primeira linha suplementar superior:



As vozes educadas, segundo Lavignac ("La Musique et les Musiciens"), podem levar a extensão, em clave de sol, de fá, na terceira linha suplementar inferior, a *mi* bemol, na terceira linha suplementar superior:



Cita ainda o mesmo autor vozes privilegiadas que conseguiram atingir a *do*, acima da quinta linha suplementar superior:



Vê-se aí, pelos exemplos expostos, quanto é delicada a voz da criança.

Estabelecida assim a extensão rigorosa da voz infantil, fácil se torna ajustar a melodia dentro do limite estabelecido. Daí não ha fugir, embora, num conjunto de vozes, se possa, para o agudo ou para o grave, fazer leves modulações.

Procure-se, no entretanto, fugir dos extremos, na extensão da voz, modulando, tanto quanto possível, no centro daquela escala. Ai os pequeninos terão todas as condições de naturalidade, e, sem fadiga e sem irritação das cordas vocais, poderão demorar as suas interessantes canções.

Não fugir daí — convém repetir — e não deixar de lado o diapasão, também convém repetir.

VIII

"Prezada professora,

São justificados os *receios* expressos em sua atenciosa carta: realmente, o hino Nacional, pela musica e pela letra, é improprio para os dois primeiros anos das classes primarias.

A professora acompanhou, pelo que vejo, as minhas desprezenciosas notas que venho escrevendo aqui. E' desnecessario, pois, repetir o que disse acerca da musica e da letra dos cantos infantis.

Se a musica do Hino Nacional, por sua extensão, pelas excessivas modulações, pela tessitura pesada e cheia, pelo ritmo, é inadaptaavel ás condições de voz infantil, a letra, então, é completamente inacessivel á inteligencia dos pequeninos escolares.

Embora queira a prezada professora, preliminarmente, como convém, fazer entendida e interpretada de todos a letra do Hino Nacional, não conseguirá o seu intento, porque, inquestionavelmente, contém imagens, idéas e expressões por demais transcendentes á mentalidade das crianças. Tanto é assim que os programas de canto nas escolas do Distrito-Federal, onde — diga-se de passagem — os cantos escolares têm merecido os cuidados que Minas não lhes tem dado — nas escolas do Distrito-Federal o ensino do Hino Brasileiro só começa no terceiro ano primário.

Creia, prezada professora, é preferível que o Hino Nacional venha mais tarde, na quadra precisa, quando a idéa de Patria se delinea e se fórma na imaginação e no sentimento da criança; quando a criança possa saber o que canta, sem ferir as suas cordas vocais e sem prejudicar o seu aparelho de fonação.

E nem por isso será menor, mais tarde, o sentimento patriótico desses pequeninos estudantes.

Mui cordialmente,

Levindo Lambert"

IX

Dizíamos que a voz da criança deve merecer-nos o maior cuidado. Nunca será demais a repetição dessa verdade.

A nossa longa experiencia como assistente técnico do ensino no interior do Estado proporcionou-nos o ensejo de conhecer a verdadeira situação do canto em nossas escolas. Da fórma como é praticado melhor seria que o suprimissem de vez. Como se não bastasse o descuido pela parte meramente artística, o canto, tal como é feito, é um atentado á integridade dos órgãos fonadores da criança. Inutiliza para todo o sempre vozes futuras, magnificas mesmo.

Não ha o menor cuidado e nem se reflete, ligeiramente sequer, nos perigos que advêm de semelhante pratica. Vozes boas e vozes más, entoadas e desentoadas, se reúnem em côro, como se de tal feixe heterogenio pudessem sair, unisonas, as melhores audições...

Ah! seria preferível — repitamos sempre — que as escolas fechassem as suas portas á musica a concorrerem, como concorrem, para a deseducação artistica das nossas crianças. Não teríamos o desgosto de ver a todo o momento vozes irremediavelmente perdidas por culpa exclusiva das proprias escolas.

O nosso mais alto instituto de cultura pedagogica, a Escola de Aperfeiçoamento, ressent-se, nos seus programas, de uma cadeira destacada de musica, ao contrario do que se verifica nos institutos equivalentes de S. Paulo e Capital-Federal.

Dali saem técnicas capazes de orientar o ensino em geral, inclusive trabalhos manuais, modelagem, desenho, educação fisica, mas incapazes de darem ao ensino da musica ou do canto uma orientação segura e eficiente. Os conhecimentos que colhem na metodologia particular do canto não satisfazem ás exigencias da pratica e á magnitude da materia, porque, tanto como os trabalhos manuais, modelagem, etc., o canto exige uma verdadeira especialização.

Na Capital-Federal e em S. Paulo o canto nas escolas está sob o contróle e fiscalização de assistentes técnicos especializados. Não ficam eles adistritos ás escolas da capital: em S. Paulo percorrem o interior do Estado, como os demais assistentes técnicos, orientando e corrigindo.

O nosso Estado, infelizmente, tem relegado a musica nas escolas a um plano inferior. Se é certo que ha nos Grupos Escolares da Capital professoras especializadas de canto, para estas, no entanto, não ha assistencia ou fiscalização, destinadas á uniformização do ensino.

E o interior é a maioria. Mais ainda: a Capital, por si só, constitue meio artistico capaz de dar á infancia, por si só, uma certa educação artistica. Ao passo que o interior é o alheamento completo da cultura artistica...

Para o interior, tanto como para a Capital, deviam voltar-se os cuidados dos legisladores.

No mínimo, á guiza de assistencia, que os órgãos competentes mandassem a todos os professores reiterados conselhos e segura orientação, procurando, tanto quanto possível, pela vigilancia sistematica dos inspetores e assistentes, colher informações da situação do canto nas escolas.

E' pouco — dirão os entendidos — mas, dos males o menor...

X

Talvez conviesse darmos aqui a marcha e a técnica do exame do ouvido e do senso rítmico das crianças, como preliminares do ensino do canto.

Não o fazemos. Estas notas, ligeiras e praticas, se destinam ás professoras de classe que, sem especialização, são obrigadas tambem a cuidar do canto.

Ora, a exploração do ouvido e do senso rítmico péde uma técnica que sómente uma professora especialmente destinada ao canto, como o são as de trabalhos manuaes, poderia conseguir. Não só o fator técnico, como o fator tempo, impedem trabalho tão relevante.

Aconselhamos assim á professora que, no decorrer das primeiras lições de canto, observe-se com cuidado a entoação particular de cada aluno, separando os que fossem portadores de qualquer anomalia da voz. Estes teriam lições e cuidados especiais e á parte. Deixá-los incorporados aos que têm voz normal, será prejudicar a um e a outro.

A voz é susceptível de ajustar-se ás condições normais de entoação. A voz "fausse", como dizem os francezes, exige, porém, preparo e cuidados á parte. O côro, mais tarde, depois de quebradas as primeiras arestas, acabará corrigindo-as definitivamente.

Alguns professores fazem com que a classe articule as palavras da canção ou do hino, sem entoação, no ritmo proprio, dando á sílaba falada o valor das notas. Principalmente para os desprovidos de senso rítmico, o processo é vantajoso, conquanto menos de acôrdo com a psicologia infantil, que tem no *interesse* o fator primordial de atenção e, consequentemente, de aprendizagem.

O processo é desinteressante.

O método a seguir, pois, será o intuitivo: audição e imitação. A professora cantará, com gosto e entusiasmo, articulando bem as palavras, de fórma a despertar nas crianças gosto e entusiasmo e a fixar-lhes na memoria a melodia. Dizemos melodia, porque a letra deve estar estudada, interpretada e decorada previamente.

Vem aqui, mais do que em outra disciplina, a função psiquica da imitação. As crianças imitarão a professora na proporção do entusiasmo que ela souber comunicar. Se se examinar a caligrafia das primeiras classes primarias ver-se-á que quasi todas as crianças têm os traços caligraficos da mestra. Da mesma fórma é para o canto: se a professora sabe imprimir gosto e entusiasmo á melodia, fique certa, a classe acompanha-la-á de pronto e com facilidade, imitando-a.

Não se enleve, porém, com a desenvoltura e presteza dos que têm ouvido e retentiva apurados: só depois de verificar que a melodia está suficientemente conhecida da classe, poderá fazê-la entoada por todos.

Entra aqui outra função psiquica — a do habito, e á professora cabe evitar a todo transe que se faça, no decorrer da aprendizagem, um mau habito ou um vicio de modulação. Formado este, como se observa comumente, a sua correção se torna difficil.

XI

Comecemos por um conselho de Toledo (DIDATICA): "ser (a mestra) equanime; vir á escola sempre de animo igual; não sujeitar as crianças ás oscilações do seu humor, alegre e brincalhão um dia, carrancudo e irritadigo em outro. Quando uma magua ou uma contrariedade a molestarem, lembrar-se, na porta da entrada, de que as crianças não têm culpa de seus males, e que, por isso, devem ser tratadas com carinho e com os cuidados que sua debilidade e sua inexperiencia reclamam".

Não fiquemos, porém, na palavra, aliás autorizada de um patricio, e vejamos o que dizia Pestalozzi em carta a um amigo: "Que dependa meu coração de meus alunos; que sua felicidade seja minha felicidade e que sua alegria seja minha alegria; é isto o que os meninos devem ver em meu rosto e lêr em meus labios, desde a primeira hora matinal até á ultima da noite."

Michelet dizia que "l'enseignement, c'est de l'amitié" e para Kerschensteiner só o amor todo poderoso pôde vencer o grande perigo de sentir o mestre, como uma carga cada vez maior, o trabalho diario repetido a que o obriga a profissão de educador.

Pois bem. Se a mestra deve deixar na porta da entrada da escola os males que porventura a aflijam; se para a sua classe deve levar o amor todo poderoso, a amizade, a felicidade e alegria — com maior força de razão deve assim agir nas horas destinadas ao canto.

E' preciso que a mestra saiba, nessa hora, comunicar entusiasmo e alegria a seus discipulos.

Principalmente nas escolas que não têm professora encarregada exclusivamente de musica, o canto faz-se cheio

de constrangimento. A professora toma essa tarefa como um pesado encargo e espera, ansiosa, no toque da sineta, o fim do seu sacrifício. Os alunos, por sua vez, refletem o constrangimento e a má vontade da mestra: grande parte não canta.

Os meninos, em particular, têm uma especial animadversão pelo canto. Oitenta por cento dos meninos se limitam a ouvir apenas o côro de que fazem parte como elemento passivo.

Revela, pois, esse fato, a tristeza que ainda impéra na escola.

O canto é a manifestação mais incisiva da situação interior do individuo. Canto constrangido é canto mecanizado, é simples vitrola... Volve a escola, contente e feliz; professe a mestra a pedagogia da alegria; experimentem os alunos a liberdade plena, condicionada apenas pela ordem e pelo trabalho — e o canto será a expressão psicológica desse ambiente e dessa situação natural.

Mas esforce-se a professora por tornar alegre a hora do canto. Receba-a como hora de recreio e não como lição ou pesado encargo. Faça com que todos cantem e interpretem todos, de fôrma expressiva, a melodia e a letra. Não deixe ninguém sem cantar. Acorçoê, com carinho e persistência, os tímidos e os “desafinados”. A voz — sabe a professora — é susceptível de educar-se. A voz má, desafinada, no turbilhão de vozes boas — dissemos — acaba por se ajeitar e educar-se.

Ponha-se de animo alegre, jovial, esquecida das suas maguas, fingindo entusiasmo, se é que o não tem.

Faça, pois, a melhor hora da escola aquela em que, pelo exemplo e pelo comando, consegue fazer com que as almas pequeninas se sintam felizes na alegria do cantar.

Contradiga a Felix Pécaut, que disse isto: “A criança canta naturalmente até ao momento em que entra para a escola. Posta em suas mãos, oh! — ela pára de cantar”...

XII

Ha quem seja pela adaptação de melodias estrangeiras ás nossas escolas.

Discordamos. Não o fazemos por espirito de nativismo ou xenofobia.

Incontestavelmente, a musica, maximé a musica popular, exprime os sentimentos da raça. Da mesma fôrma que os tipos etnicos se definem de pronto diante de nossos olhos — a musica, por suas qualidades particulares, exprimem logo, aos nossos ouvidos, o seu pais de origem. Executada qualquer melodia, principalmente se ela é popular, conhecemos depressa se é italiana, espanhola ou portuguesa. Não é preciso que n-ô lo contem os cartazes ou os programas...

Diante disso, temos esta verdade acadiana: musica italiana é musica italiana; musica espanhola é musica espanhola...

Ora, aplicar-se musica estrangeira nas nossas escolas é, evidentemente, contrariar-se o espirito e o senso musical da nossa raça.

A musica brasileira aí está, autonoma e caracteristica, nas nossas canções, nas nossas modinhas, nos nossos dobrados, a demonstrar a sua originalidade e a sua beleza. E' a manifestação exponencial dos nossos sentimentos raciais. E' inconfundível.

Mario de Andrade, numa obra atrevida e revolucionaria (“ENSAIO SOBRE MUSICA BRASILEIRA”), diz isto: “O critério historico atual da Musica Brasileira é o da manifestação musical que, sendo feita por brasileiro ou individuo nacionalizado, reflète as caracteristicas musicais da raça. Onde que estas estão? Na musica popular.”

E o nosso populario — já dissemos — é um repertorio magnifico de musicas perfeitamente adaptaveis ás nossas escolas.

Porque, pois, enxertamos musicas estrangeiras nos nosso cancionero, principalmente para os pequeninos que têm o carater e os sentimentos em formação?

Nada ha que justifique essa idéa. A beleza das musicas estrangeiras não supera a beleza das nossas.

Se fizermos isso, transplantaremos para o nosso clima mais uma planta exotica. Mas, ela não viverá, se Deus quiser...

Levindo Lambert.

(Do “Diario da Tarde”).

NOTICIÁRIO

O cinema educativo

Um velho cidadão, que todos são sempre obrigados a citar desde que tratam de qualquer cousa científica, o velho cidadão Aristoteles, disse que só ha ciencia do que se pôde medir. As cousas que não se podem medir, reduzindo as apreciações que delas fazemos a numeros, não podem tambem constituir assunto de verdadeira ciencia.

A cada momento, nós verificamos que o velho grego tinha razão.

Quando se inventou o cinematografo, logo houve quem pensasse na sua applicação ás cousas de ensino. Permittia mostrar ás crianças muitas coisas que o professor não podia trazer para a classe. Permittia repetir as lições tantas vezes quantas fossem necessarias.

Como, porém, verificar até que ponto a lição pessoal era melhor ou peor que a lição cinematografica ?

Para isso era preciso instituir experiencias e verificar o aproveitamento dos alunos em varias circumstancias.

O dr. Clarence Clark, da Universidade de Nova York, dá conta de algumas experiencias a esse respeito.

Tratava-se de vér o que era mais eficiente, si a exhibição de vistas cinematograficas mudas, que o professor acompanhava com as suas explicações pessoais, ou de vistas cinematograficas, de cinema falado, em que a explicação estava incorporada. Nestas, as cenas passavam, e a explicação, que tinha sido dada pelo professor, ia sendo ouvida.

Todas tiveram maior exito que as simples lições dadas pelo professor. Quando, porém, se passaram filmes mudos, e o professor, ao lado, os comentava em pessoa, isso não teve tanto exito como nos casos em que a sua explicação estava incorporada ao filme.

E' um primeiro resultado, que surpreende um pouco. Pareceria, á primeira vista, que a presença do professor, em carne e osso, devia ser melhor que a mecanização de sua voz. No entanto, foi o contrario que se apurou.

Nas fitas faladas ainda se notou uma diferença — e essa muito grande.

Passaram-se, por exemplo, filmes cujos sons, cujos barulhos não eram reproduzidos. O que se reproduzia era apenas a voz do professor. Si, por exemplo, havia maquinas trabalhando a toda velocidade, o filme não lhes dava o barulho. Tinha parecido melhor suprimi-lo, para se ouvir melhor a explicação do docente.

No entanto, foi pior. Quando, ao lado do barulho natural das cousas, soava tambem a voz dos professores, os alunos gravavam melhor. Dir-se-ia que, nos outros casos, sentindo a falsificação da realidade, a inteligencia deles repugnava assimilar as noções que lhe eram dadas.

Turmas iguais de alunos, com intelligencia sensivelmente identica, eram submetidas a exame, depois das varias exhibições.

Faziam-lhes, por escrito, as mesmas perguntas e, assim, se podia medir o aproveitamento de umas e outras turmas. Não havia hipoteses, nem palpites.

E' de crêr que, nesses casos, além dos meritos, por assim dizer intrinsecos, do cinema, falado ou não, haja o grande elemento de novidade, de curiosidade, de extraneza.

Si, mais tarde, as lições dadas desse modo entrarem na rotina quotidiana, elas serão talvez muito menos effeizes.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

(Do "Estado de Minas")

MOVIMENTO EDUCACIONAL

NOS ESTADOS

O ENSINO PRIMARIO EM PERNAMBUCO

(Comunicado da Diretoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do Ministério da Educação e Saúde Pública).

No mesmo ano em que se promulgava, em novembro, no Distrito Federal, a memorável reforma Fernando de Azevedo, baixava, em 27 de dezembro, o governo de Pernambuco o ato n. 1.239, que

visou firmar sobre as mais adiantadas bases a educação naquela progressista unidade da República, notável pela evolução dos seus serviços administrativos, os quais, qualquer que seja o aspecto con-

siderado, vão atingindo um elevado nível de perfeição e regularidade, fato esse que, de maneira concreta, se pôde verificar pelo simples exame dos magníficos anuários estatísticos que é aquele Estado o único a editar com rigorosa pontualidade e uma sistematização que os torna preciosos repositórios de dados utilísimos para todos quantos se interessam pelas condições da grande província nordestina.

A reforma Carneiro Leão, como tantos outros estatutos que assinalaram no Brasil a fase culminante do movimento renovador de que as missões de São Paulo iniciaram a irradiação por todo o território nacional, há mais de cinco lustros, não constitui um monumento regional, porquanto, resultado de um estado de saturação da ambiência brasileira, trabalhada, de um lado, pelo anseio de transformações que empolgaram a consciência da nação compeetrada da imperiosa necessidade de se adaptar a nossa organização educacional aos seus verdadeiros objetivos, de que estreitamente dependem os destinos da comunidade política, e, de outra parte, agitada pela influência de uma pleiade de especialistas, que surgiu no momento oportuno e, apreendendo os ideais coletivos da maioria culta da população, substanciou-os numa corrente de doutrinas coerentes e libes imprimiu, com superior orientação técnica, o ritmo que a revolução de Outubro devia respeitar nas suas grandes linhas e acelerar, às vezes, na medida dos recursos disponíveis.

O art. 2.º do acto n. 1.239 definiu a compreensão do ensino público estadual que deveria abranger a educação preescolar, ministrada nos jardins de infância; a educação primária ministrada nas escolas isoladas e nos grupos escolares; a educação normal; a educação técnico-profes-

sional; a educação de débeis orgânicos; a educação especial para supernormais e débeis mentais; a educação secundária e a educação superior.

A direção suprema da Educação no Estado caberia ao Chefe do Governo, auxiliado pelo Secretário da Justiça e Negócios Interiores (mais tarde Justiça, Educação e Interior), pelo Secretário da Agricultura e pelo Diretor Técnico de Educação, ao qual, pelo órgão a seu cargo, foi conferida competência para superintender, dirigir e orientar tudo quanto dissesse respeito à parte técnica da educação.

O art. 17 do ato n. 1.239 reorganizou a inspecção escolar fixando o número dos respectivos agentes (9 inspetores escolares de 4.ª entrada e 9 inspetores regionais, em 1932). Os serviços de educação física e de higiene pre-escolar e escolar achavam-se, no ano passado, a cargo — os primeiros, de um inspetor geral e de dois inspetores médicos, e os últimos, de diversos profissionais do Departamento estadual de Saúde Pública.

O Capítulo IX do Título II do estatuto de 1928 (arts. 58 a 64) define a composição e a competência do Conselho de Educação, "órgão consultivo do Governo em matéria de educação" e que "tem por fim esclarecer a administração, dar pareceres sobre livros didáticos, programas, etc., propondo, quando consultado, ou espontaneamente, todas as medidas que julgar necessárias, no ponto de vista administrativo como no ponto de vista técnico".

A organização da educação primária é objeto do título IV do estatuto citado. Os artigos 91 e 95 fixaram as bases em que seria ministrado o ensino pre-primário às crianças maiores de 4 anos e menores de 7, em jardins de infância, que deveriam funcionar obrigatoriamente nas escolas de

aplicação anexas às escolas normais e, sempre que possível, nos grupos escolares, preferentemente "nos situados nas zonas mais necessitadas".

O curso do jardim de infância abrangeria três períodos, devendo ser dado rigorosamente de acordo com os processos montessorianos, froebelianos e decrolianos e com auxílio do material apropriado. A educação em tais estabelecimentos seria toda sensorial, não intervindo o mestre na atividade infantil senão para guiá-la. A educação primária comum seria ministrada nos grupos escolares ou nas escolas isoladas, em se tratando de zonas de população esparsa, onde fosse impossível, num raio de dois quilômetros, a organização de, pelo menos, 4 classes. Fixando os rumos da escola primária, definiu-a o art. 98 como sendo o laboratório da educação física, velando pela saúde; da educação profissional, dirigindo para o trabalho; da preparação social, conduzindo para a associação, a cooperação e a solidariedade; da cultura moral e cívica, orientando nos deveres relacionados com a nacionalidade e a pátria; e da fraternidade internacional, incentivando o sentimento de amor humano. Para esse fim teria o educandário de se adaptar no meio em que funcionasse, não se limitando a preparar a infância, mas projetando a sua ação educativa sobre a família e a sociedade, educando pelos métodos ativos, recorrendo aos trabalhos manuais, estimulando pelo estudo das coisas brasileiras o sentimento nacional e, pela cooperação e intercâmbio epistolar com o estrangeiro, os de solidariedade internacional.

O curso primário propriamente dito abrangeria um período de 7 anos, 5 fundamentais e obrigatórios e 2 complementares, obrigatórios apenas para os candidatos à matrícula nas escolas normais,

A educação primária, gratuita e leiga, seria obrigatória para as crianças de 7 a 14 anos, residentes num raio de 2 quilômetros de cada escola pública, respeitadas as justificativas decorrentes de incapacidade física e mental, de moléstia contagiosa ou repugnante e de as idências admitidas nos casos de indivíduos em idade escolar já habilitados em curso equivalente ao fundamental ou que estivessem recebendo particularmente essa instrução em outras escolas que não as públicas estaduais.

Conforme já foi acima assinalado, os tipos de escolas mantidos pelo estatuto vigente são as escolas isoladas e os grupos escolares, devendo ser estes instalados em todas as localidades em que se encontram 4 ou mais escolas isoladas num perímetro de 2 quilômetros. Nesse caso, o governo construirá um prédio para o grupo, cujo funcionamento implicará no fechamento das demais escolas não só estaduais como municipais existentes no lugar. A medida que fossem sendo construídos novos grupos escolares, deveriam ser superprimadas, segundo o plano da reforma de 1928, as escolas isoladas.

As escolas se classificam ainda em entrancadas, das quais a quarta e última compreende a Capital e Olinda.

O dia letivo consta de 4 horas no mínimo e de 5 no máximo. Admite-se o regime dos turnos, a cargo, porém, de professores diferentes. O art. 411 do dec. n. 1.239 estabeleceu para limite do ano letivo as datas de 1.º de fevereiro e 30 de novembro, período dentro do qual se intercalam os feriados normais e as férias de junho que se devem estender por um espaço de 10 dias. As matrículas ficam abertas de 28 de janeiro em diante.

Os estabelecimentos industriais e agrícolas que tiverem a seu ser-

viço mais de 50 operários são obrigados a manter uma escola ou um grupo escolar para cada conjunto de 40 ou 150 crianças.

Os cursos noturnos estaduais, sem caráter propriamente técnico profissional, terão por finalidade, conhecidas as profissões dos alunos, ministrá-lhes noções úteis à sua atuação na vida prática. Destinam-se aos maiores de 12 anos e terão por docentes os professores de curso diurno que mais se distinguirem no exercício do magisterio.

Nenhum estabelecimento de ensino particular poderá funcionar no Estado sem que preceda registro na Diretoria Técnica de Educação. Os responsáveis por tais estabelecimentos são obrigados a se submeter a determinadas exigências entre as quais a de "ministrarem ou fazer ministrar o ensino em português, por brasileiros natos ou por estrangeiros natos, e o de Geografia, de História do Brasil e de Educação Cívica, por brasileiros natos.

Feito o sumário resumo da organização do ensino em Pernambuco, segundo a reforma de 1928, cumpre assinalar alguns dos pontos principais focalizados no estatuto que a põs em vigor: criação da Diretoria Técnica de Educação; diversas medidas pertinentes a estimular e aperfeiçoar o professorado; a remodelação do ensino pré-primário e do ensino primário, este com o curso elevado a 7 anos; a educação especial para supernormais, débeis mentis e atrasados pedagógicos; a organização dos cursos noturnos em termos de atenderem praticamente à sua finalidade não consistente no simples propósito de alfabetização. Merecem ainda menção os dispositivos do ato n. 1.239 referentes ao funcionamento, quando fosse oportuno, de várias instituições que completam ou auxiliam a obra educativa da escola tais como os Conselhos Escolares, as

Associações de Pais e Professores, as Associações Post Escolares, o Escotismo, as agremiações "Bandeirantes", a Seção Juvenil da Cruz Vermelha e a "Confraternização pela Escola".

O plano da reforma de 1928, conforme aliás assinalou o seu autor, não se destinava a uma aplicação imediata em todas as suas minúcias, subentendendo uma certa continuidade no seu desenvolvimento por ser este exorbitante das possibilidades de uma única administração. O Governo Revolucionário manteve o referido estatuto nos seus aspectos mais admissíveis, segundo as condições do meio e os recursos do Estado, e não se descuroou do aperfeiçoamento do ensino. Assim é que estabeleceu o Seminário Pedagógico, a Biblioteca Central dos Professores, a Escola de Aperfeiçoamento, uma Escola Experimental, o Museu Pedagógico Central. Criou um corpo de médicos inspetores de educação física, monitores e auxiliares para o serviço, instituindo um curso para especialização de professores e construindo parques com terrenos para jogos e exercícios ginásticos em quasi todos os grupos escolares. Promoveu a efetiva organização de grupos de Escoteiros e Bandeirantes, estimulou o desenvolvimento dos Circulos de Pais e Professores, organizou bibliotecas infantis em vários grupos escolares, levou a efeito a publicação do Boletim da Diretoria Técnica de Educação, estimulou a formação de Clubes Literários e dotou a organização escolar do Estado com vários novos educandários.

Segundo dados da Comissão de Estudos Financeiros e Econômicos dos Estados e Municípios, a despesa geral orçada para o Estado de Pernambuco em 1931 elevou-se a 59.960 contos, total em que incluíram 6.528, destinados à instrução pública. Para 1932 a

despesa geral do Estado foi orçada em 70.957 contos; a despesa com a instrução pública, em ... 7.095, e a despesa com a instrução primária, em 4.600 contos. Para 1931 a despesa com a instrução pública foi, assim, orçada em 10,8 % da despesa geral fixada para o Estado e, para 1932, em cerca de 10 %. A despesa orçada para o ensino primário representou, neste ultimo exercício, cerca de 6 1/2 % da estimativa geral dos gastos do Estado e 64,8 % da despesa orçada com a instrução pública.

O movimento do ensino primário em seus aspectos mais gerais foi o seguinte, no ano de 1931: Escolas — 1.959 (1 federal, 781 estaduais, 672 municipais e 505 particulares), das quais masculinas — 177, femininas — 243 e mistas — 1.539.

Número total de professores —

2.439 (no ensino federal — 2, no estadual — 782, no municipal — 672 e no particular — 983), pertencendo 472 ao sexo masculino e 1.967 ao feminino.

Número de alunos matriculados — 88.457 (no ensino federal — 125, no estadual — 31.077, no municipal — 29.999 e no particular — 27.256), cabendo ao sexo masculino — 43.252 e ao feminino — 45.205.

Número total de alunos frequentes — 62.512 (no ensino federal — 77, no estadual — 20.495, no municipal — 20.825 e no particular — 21.115), representado o sexo masculino por 30.353 e o feminino por 32.159.

Número total de alunos que concluíram o curso — 2.429 (no ensino municipal 477 e no particular 1.952), contribuindo o sexo masculino com 1.214 e o feminino com 1.215.

O ENSINO PRIMARIO NO PARA'

(Comunicado da Diretoria Geral de Informações Estatística e Diligação, do Ministério da Educação e Saúde Pública).

Pública, do Conselho de Educação do diretor geral do ensino e dos inspetores e Conselhos Escolares. Essa distribuição de competências foi ulteriormente modificada, com o desaparecimento da Secretaria de Educação e Saúde Pública, substituída por uma Diretoria Geral com a mesma designação, diretoria que, por sua vez, foi desdobrada em duas pelo dec. n. 820, de 30 de dezembro de 1932, em virtude do qual teve existência a atual Diretoria Geral de Educação e Ensino Público.

O Conselho de Educação devia ser presidido pelo Secretario da Educação e Saúde Pública com voto de qualidade e seria constituído do diretor geral do ensino, vice-presidente, dos diretores da Escola Normal e do Ginásio Paranaense, do professor de Pedagogia e

Segundo o regulamento citado, a direção e inspeção do ensino caberiam ao chefe do governo, que as exerceria por intermédio do Secretário da Educação e Saúde

Metodologia educacional da Escola Normal, de um diretor de grupo escolar da Capital, eleito por seus pares, de dois professores públicos e dois professores particulares primários, um de cada sexo, aqueles eleitos por seus pares e estes nomeados pelo Governo.

As atribuições do Conselho, análogas às das instituições correspondentes nos demais Estados, seriam de caráter predominantemente consultivo, visando proporcionar à repartição responsável pelo ensino as sugestões e pareceres de um órgão técnico capaz de influir com sua autoridade para o aperfeiçoamento da organização didática do Estado e a seu desenvolvimento segundo as melhores diretrizes pedagógicas.

Os inspetores escolares seriam em número de 3, dos quais um geral e dois auxiliares. Agentes ditos da repartição central do ensino, estabeleciam êles a ligação desse aparelho com as unidades escolares, provendo ao cumprimento das leis e regulamentos, assegurando a boa aplicação dos métodos didáticos segundo a impressão pessoal colhida nas suas visitas periódicas às instituições escolares. Além desses delegados imediatos da diretoria de ensino o regulamento conferiu atribuições de orientação, fiscalização e impulsionamento da instrução no interior do Estado aos Conselhos Escolares, um para cada município, constituindo-os das 2 principais autoridades, do Executivo e do Judiciário, de cada localidade, de um representante da diretoria do ensino e de uma pessoa idônea para interferir em assuntos de educação.

Cada Conselho Escolar teria um secretário (diretor de grupo ou professor de escola isolada, conforme as circunstâncias) e poderia designar delegados para, nos lugares afastados das sedes dos municípios, fiscalizarem as escolas locais, e atestarem o exercício

dos respectivos professores.

O ensino primário de letras, no Estado do Pará, é obrigatório, gratuito e leigo.

A obrigatoriedade da frequência escolar é estabelecida para as crianças de 7 a 14 anos que residirem nas cidades, vilas ou povoações ou num raio de 2 quilômetros desses centros de população. Onde houver escolas noturnas são obrigados a frequentar essas escolas todos os que não puderem aproveitar o ensino das escolas diurnas. Não prevalece o princípio da obrigatoriedade quanto aos residentes a mais de 2 quilômetros da escola pública, aos que alegarem e provarem por seus responsáveis impedimento físico ou mental, aos que tiverem idade superior ou inferior à escolar, aos que estiverem recebendo particularmente a instrução primária; aos que já a possuem suficiente, e o provarem exibindo diploma ou certidão.

O ensino público primário professado nas escolas oficiais compreende: a) o infantil para crianças de 4 a 6 anos, em cursos de jardins de infância; b) o primário propriamente dito, distribuído num curso de 5 anos; c) o prático popular, ministrado em 3 anos nas escolas noturnas da Capital e das sedes das Prefeituras Municipais e Territórios do interior; d) o especial para débeis orgânicos e retardados pedagógicos, ministrado em um dos grupos escolares da Capital, até que o governo lhe possa destinar um prédio apropriado.

A orientação do ensino nos jardins de infância inspira-se nos processos mais recentes e que pressupõe um material adequado: desenvolvimento dos sentidos e do espírito de observação, métodos intuitivos, contato com a natureza e aproveitamento do material intuitivo que ela fornece para a manifestação e desenvolvimento das aptidões latentes, disciplina, correção e orientação das ativi-

des infantis para a formação espontânea de bons hábitos sem recurso à coação, conversão do educandário em simples laboratório de atividades, experiências e exercícios educativos, etc., etc.

O ensino primário propriamente dito será ministrado nas escolas isoladas, nos grupos escolares, nas escolas noturnas.

Anexo ao Ginásio Paraense funcionará um grupo escolar modelo com ensino especializado no 5.º ano, primário, podendo o governo criar outro em igualdade de condições junta à Escola Normal oficial.

O governo poderá instalar escolas isoladas não somente na Capital, nos bairros onde a falta de população escolar ou a sua disseminação em grandes áreas torne inconveniente a criação de um grupo, ou este não comporte a excessiva frequência, como também em qualquer localidade onde houver mais de 20 crianças de um e outro sexo em idade escolar. Excedendo a frequência média, em 2 trimestres consecutivos, a 40 alunos, providenciara o governo para a criação de novas escolas; se, ao contrário, em igual período, a frequência média não alcançar 15 alunos ou a matrícula não atingir a 25, a escola será extinta. Nas localidades servidas por uma única escola, esta será sempre mista, o mesmo sucedendo onde a frequência for insuficiente para manter escolas especiais para cada sexo.

Para os efeitos do provimento e fixação dos vencimentos do professorado, as escolas isoladas como os grupos escolares classificam-se em 3 entranças, das quais a 3.ª compreende as escolas dos grupos da Capital do Estado e as isoladas que funcionarem dentro do perímetro urbano, sendo de 2.ª ou 1.ª entrança as escolas que se situam em municípios que o regulamento nominalmente discrimina.

As escolas isoladas podem ser

transferidas de um lugar para outro, convertidas, ou extintas, segundo as conveniências do ensino.

Os grupos escolares serão criados na Capital do Estado e nas localidades "em que a população escolar o exigir" e de preferência nos municípios em que as respectivas Prefeituras fornecerem ao Estado prédios apropriados. Nos grupos escolares do Estado o ensino poderá ser ministrado em tantas aulas quantas forem necessárias ao numero de escolares, observando-se a lotação de 25 alunos para cada uma.

A matrícula nos grupos escolares e nas escolas isoladas inicia-se cinco dias antes da abertura das aulas e estende-se até 60 dias depois de começadas. As admissões posteriores a esse período só se verificam mediante autorização do diretor do ensino público, na Capital, e dos Conselhos Escolares, no interior do Estado.

A matrícula em cada escola dos grupos não poderá exceder ao número de 35 alunos e nas escolas isoladas a noturna esse total poderá ser de 40 no máximo. Para a matrícula nas escolas noturnas não haverá limite máximo de idade.

Não serão admitidos à matrícula no curso primário, os menores de 6 e os maiores de 14 anos, os que sofrerem de molestia contagiosa ou repulsiva, os que não provarem haverem sido vacinados ou revacinados. Não é permitida a matrícula simultânea em dois ou mais estabelecimentos de ensino público do Estado.

As aulas dos grupos escolares da Capital, estabelece o regulamento de 1931, funcionarão em dois turnos para o ensino primário de letras, com professores e alunos diferentes, sendo o 1.º das 8 às 11 e o 2.º das 13 1/2 às 16 1/2 horas, salvo nos dias de aulas de cultura física em que começarão das 7 1/2 no 1.º turno e terminarão às 17 no 2.º.

Nos grupos escolares do interior e em todas as escolas isoladas do

Estado, as aulas de cultura física serão dadas das 7 1/2 às 8 da manhã.

O tempo destinado ao exercício de aulas, em ambos os turnos, dividir-se-á em 2 períodos, com o intervalo de 10 minutos para descanso das crianças.

As aulas, em todas as escolas públicas do Estado, encerram-se em 31 de outubro e reabrem-se a 7 de janeiro, interrompendo-se no período de 15 a 30 de junho. Não haverá aulas aos domingos e quinta-feiras e nos dias feriados federais e estaduais.

É livre o exercício do magistério particular a todas as pessoas em condições provadas de saúde e idoneidade moral, desde que seja ministrado o ensino em língua vernácula e facilitada a fiscalização do governo no que concerne às condições dos prédios, à constituição do professorado e ao regime dos estudos, de modo a que o ensino se amolde à finalidade de que o regulamento estabelece as bases e os seus responsáveis observem as prescrições e ordens emanadas dos dirigentes da instrução estadual e dos funcionários prepostos à inspeção escolar.

Os artigos de 156 a 160 do estatuto de 1931, tratam do Fundo Escolar, que se deverá aplicar à aquisição de mobiliário para as escolas, de livros e material escolar destinados aos alunos necessitados e ao financiamento dos serviços de assistência médica dentária, a cargo de profissionais especialmente nomeados pelo governo. Constituem o Fundo Escolar os descontos que sofrerem nos seus vencimentos, por vários motivos, os funcionários do ensino, donativos ou legados, emolumentos, multas, etc., etc.

Anexas aos grupos escolares do Estado deverão funcionar caixas escolares com fins de assistência aos alunos pobres e de auxílio à realização das festas escolares.

A despesa com a instrução pública do Estado foi fixada, para o exercício de 1931, em 3.635 contos, que se incluíram na estimativa geral da despesa para o aludido exercício — 16.459 contos. Para o exercício de 1932, foram fixadas: a despesa geral do Estado em 13.838 contos, a despesa com a instrução pública em . . .

4.141 contos e a despesa com o ensino primário em 2.595. Desses algarismos deduzem-se as seguintes relações: percentagem da despesa com a instrução fixada para o exercício de 1931 sobre a despesa geral do Estado prevista para o mesmo período — 22,3; percentagem da despesa com a instrução pública sobre a despesa geral do Estado no orçamento de 1932 — 21,9; percentagem, no mesmo orçamento, da despesa com o ensino primário sobre a despesa com a instrução geral do Estado — 13,7, e sobre a despesa geral com a instrução pública — 62,6.

Os números seguintes registram os resultados do movimento escolar segundo a estatística de 1931:

Escolas — 876 (estaduais — 589, particulares — 287), sendo, 182 masculinas, 53 femininas e 641 mistas.

Docentes — 1.314 (estaduais — 922, particulares — 392), dos quais 218 do sexo masculino e 1.096 do feminino.

Matricula — 54.920 (40.411 nos estabelecimentos estaduais, 14.509 nos particulares), concorrendo para esse total 31.531 alunos do sexo masculino e 23.389 do feminino.

Frequência — 44.878 (33.346 do ensino estadual, 11.533 no particular) contribuindo para o total, com 25.684 unidades o sexo masculino e 19.194 o feminino.

Conclusões de curso — 1.495 (nos educandários estaduais — 1.115, nos particulares 380) sendo 544 do sexo masculino e 951 do feminino.

Origem: Doação

Preço: